

CULTURA

VIVATIMBIRA

NOSSAS CORRIDAS DE TORA



CTI Centro de
Trabalho
Indigenista

O CTI é uma entidade da sociedade civil, sem fins lucrativos, fundada em 1979. Tem como proposta contribuir para que os Povos Indígenas assumam o controle efetivo de seus territórios, esclarecendo-lhes sobre o papel do Estado na proteção e garantia de seus direitos constitucionais. Atua em Terras Indígenas inseridas nos Biomas Amazônia, Cerrado e Mata Atlântica.

CULTURA

VIVATIMBIRA

NOSSAS CORRIDAS DE TORA

Realização



Apoio



Patrocínio



Ministério da
Cultura



CULTURA
VIVATIMBIRA
NOSSAS CORRIDAS DE TORA

CTI / Wyty Catë
2012

Coordenação e Edição: Maria Elisa Ladeira

Organização e Edição: Daniela Leme da Fonseca

Imagem da Capa: Helena Ladeira

Atendimento de Conta: Sagarana Comunicação | Suzana Vilhena

Direção e Assistente de Arte: Sagarana Comunicação | Lucas B. Pacífico e Ana Clara Campacci

Fotos: Acervo Cultural Timbira

Mapa: Pablo Galeão e Pesquisadores Timbira

Colaboração: Julia Trujillo Miras e Diogo Azanha

Consultoria: Gilberto Azanha

Revisão de Texto: Bianca Galafassi

Pesquisadores CTI: Daniela Leme da Fonseca, Júlia Trujillo Miras e Helena Ladeira Azanha

Pesquisadores Indígenas: Alexandre de Sousa Fernandes Apinajé, Carlos Tepkryt Apinajé, Edson Corredor Almeida Apinajé, Hildete de Sousa Apinajé, Nilda Dias Apinajé, Oscar de Sousa Fernandes Apinajé, Osvaldo Laranja Neto Apinajé, Rosilene Dias Laranja Apinajé, Valdez Sousa Ribeiro Apinajé, Aderivan Kograplo Canela, Ari Ramkokamekra, Arlene Tumkwyj Canela, Clarissa KrytKwyj Canela, Dário Canela, Ivan Polcate Canela, Misael Crôtô Canela, Nazaré Pypkwyj Canela, Pedro Tuter Canela, Raquel Krutkwyj Canela, Raony Pryyré

Canela, Reginaldo Vhoko Canela, Vladimir Canela, Silvano Kocjô Canela, Darlene Kenikoi Canela, Benedito Woiaká Canela, Luan Tepré Canela, Olímpio Tutê Canela, Paulo Thugran Canela, Rondon Kuna Canela, Adriano Guileto Gavião, Fernando Ju'Jut Gavião, Jonas Panhi Sansão Polino Gavião, Rubens Paacy Gavião, Wesley Guará Gavião, Ataúlio Krahô, Cloves Intep Krahô, Eduardo Cryt Krahô, Emanuel Mãnroc Krahô, Gabriel Quinquim Krahô, Guime Kyrhy Krahô, Iramar Jhojawe Krahô, Itamar Pereira de Souza Kacryhy Krahô, Leozipe Pexá Krahô, Letícia Jöcy Kwyj Krahô, Luciana Ajpkywyj Krahô, Márcia Caxtât Krahô, Mônica Xuckwyj Krahô, Naimar Turroc Krahô, Olavo Iapró Krahô, Paulinho Royhy Krahô, Pedro Jawiw Krahô, Sidinei Pôhypyj Krahô, Sílvia Pakim Krahô, Simão Caicâr Krahô, Tião Tejapoc Krahô.

Conselheiros: Cândido de Sousa Apinajé, Maria Apinajé, Romão Apinajé, Abilio Tami Canela, Domingas Te'hôc Canela, Frascisco Tephot Canela, Hugo Pyrgapy Canela, José Diogo Canela, José Miguel Cõc Krahô, Justino Canela, Neusa Ehjryh Kwyj Canela, Vanda T`kury Canela, Luis Otaviano Rõrhy Canela, Damásio Gavião, Dorival Lima Gavião, Doroteia Cunha Gavião, Yolanda Gavião, Maria das Graças Apryn, Maria Ferraz Bandeira Gavião Arlete Krikati, José Brasil Bandeira Krikati, José Torino Krikati, Maria Caapa`Cwyj Krikati, Oswaldo Cocot Krikati, Alberto Hapyhi Krahô, Antônio Estrela Cahxet Krahô, Creuza Prunkyj Krahô, Francelina Krahô, Francisco Caetano Krahô, Gercila KrytKwyj Krahô, Iraci Majoj Krahô, Joana Pypcwyj Krahô, João Grosso Hujken Krahô, José Miguel Krahô, Naimar Toroc Krahô, Otacílio Krahô, Rosa Potuk Krahô, Sebastião Jõhe Krahô, Terri Krahô, Valdomiro Krahô.

Agradecimentos: Alberto Hapyhi Krahô, Augusto Nascimento, Elisa Canola, Elisete Noletto, Herly Ágnes Torres Jonas Panhi Gavião, Julia Tygel, Ligia Raquel Soares, Kilza Setti, Luiz Eduardo Lian Biaggioni, Odair Giralдин, Renato Adura Martins, Sílvia Pahkim Krahô, Susana Raquel Araújo da Costa Oliveira.



Ramkokamekra. Homens cantando antes da saída da tora. Rodrigo Folhes. s/d



CULTURA
VIVA TIMBIRA
NOSSAS CORRIDAS DE TORA

PROCESSO DE PESQUISA E CATALOGAÇÃO DAS TORAS

08

GRAFIA

13

QUEM SÃO OS TIMBIRA

- MAPA DE POPULAÇÃO

15

O QUE SÃO AS CORRIDAS DE TORAS

- COMO AS TORAS SÃO CONFECCIONADAS
- AS PINTURAS E ADORNOS DAS TORAS
- OS CANTOS ENTOADOS NAS TORAS
- O PERCURSO DAS TORAS
- COM QUEM OS TIMBIRA APRENDERAM A CORRER COM TORAS
- COMO SE TORNAR UM BOM CORREDOR

19

TORAS, ORGANIZAÇÃO SOCIAL E O TEMPO

37

CATALOGAÇÃO DAS TORAS SELECIONADAS PELOS MENTWAJÊ

- TORAS LIGADAS AO CICLO DE VIDA
- TORAS LIGADAS À INICIAÇÃO
- TORA LIGADA AO CICLO ANUAL

43

CORRIDA DE TORA: ATO EM DEFESA DO CERRADO

61

BIBLIOGRAFIA

63

PROCESSO DE PESQUISA E CATALOGAÇÃO DAS TORAS

Apresentam-se por meio desta publicação e do DVD que o acompanha a pesquisa e a catalogação das Toras Timbira, sua fabricação, uso e conhecimentos associados. No momento da escolha do tema, os Timbira elegeram as corridas de tora, presentes em seu cotidiano, como uma das maiores expressões de seu Patrimônio Cultural. Com esta publicação pretende-se divulgar a riqueza cultural de povos indígenas do Cerrado, valorizar os detentores dos conhecimentos tradicionais e formar jovens pesquisadores Timbira.

A primeira etapa do processo de pesquisa sobre as Toras ocorreu em 2010 em uma oficina no **Centro Timbira de Ensino e Pesquisa Pënxwyj Hepenxjá**¹ e contou com a participação de trinta jovens e dezesseis velhos conselheiros. Neste processo os jovens puderam trocar informações, entrevistar os mais velhos, mapear suas festas e suas toras, observar semelhanças e diferenças entre as expressões culturais dos diferentes povos Timbira e, por fim, escolher, dentre as fotos que compõem o **Acervo Cultural Timbira**, as toras para pesquisa e os processos rituais relacionados às corridas.

Em seguida, a pesquisa estendeu-se por dez aldeias dos povos Krahô, Apinajé, Ramkokamekra, Apãnjekra, Gavião Pykobjê e por conversas e entrevistas com pesquisadores Krikati nos anos de 2010 e 2011. Durante esta segunda etapa, jovens e velhos iniciaram o levantamento de vinte e cinco to-

ras de corrida e se nortearam pelas questões elegidas durante a oficina: Qual os nomes das toras? Em que momento e onde são cortadas? Por quem? Quais os resguardos e cuidados durante o processo de seleção e corte da tora? Qual relação entre a tora e o ritual a ela associado? Qual a distância do trajeto das corridas? Que grupos são responsáveis pelo corte e por enfeitá-la? Quais as variações dos motivos (cores, penas, desenhos, peso, tamanho)? Quais os cantos e mitos associados a cada tipo de tora? Quais as metades cerimoniais que irão disputar a corrida e quais as transformações e ressignificações desta manifestação cultural ao longo do tempo?

O processo investigativo só teve sentido e pôde ser concretizado devido à intensa participação dos jovens pesquisadores Timbira nas oficinas e nas atividades cotidianas e rituais das aldeias. Este fato é observado no próprio material de registro que contém lacunas, pois os jovens deixavam de lado as filmadoras, gravadores e máquinas fotográficas e iam ajudar o seu “partido” – metades cerimoniais - na “corrida de tora”, ou acompanhar os cantadores ou participar de outros momentos rituais.

Esta publicação é, pois, o resultado de um processo de aprendizado baseado na experiência pessoal dos jovens: a percepção dos papéis de cada um na aldeia e nos rituais; a compreensão do território em que vivem com o conhecimento das áreas de chapada, de mata e dos locais de corte das toras; o aprendizado do movimento e da sequência dos rituais; do jeito de cortar uma tora, de adorná-la, de cantar sobre ela; o ouvir a música entoada por um cantador e observar o ritmo marcado pelo seu corpo.

Este catálogo expressa, portanto, a particularidade desta pesquisa em que os jovens são simultaneamente observadores e sujeitos que exercitam este conhecimento ancestral no cotidiano das aldeias. Esta atualidade pode ser compreendida na fala do velho Francisco TepHot, do Conselho Ramkokamekra, que ao ser questionado por um missionário sobre o porquê ensinar os jovens sobre as coisas dos antepassados, inicia seu canto e em seguida diz:

“Antepassado? Antes do passado? Nós estamos conversando aqui agora sobre esta música aqui que cantei ontem, sobre as coisas que ontem fizemos no pátio, sobre a tora que vamos cortar hoje para correr hoje e o hoje é no presente mesmo.”



Krahô, Aldeia Rio Vermelho, Intep Krahô, Helena Ladeira, 2010.

A última etapa da pesquisa que resultou neste catálogo contou com a participação de dezenove jovens e dezesseis velhos conselheiros em uma oficina no Centro Timbira de Ensino e Pesquisa *Pënxwyj Hepenxjá* no final de 2011. Durante 15 dias os participantes puderam rever toda a pesquisa feita, complementar informações e organizar a edição da publicação conjuntamente com a equipe do CTI.

Cada uma das Toras escolhidas possui uma história própria e nesta publicação serão apresentadas dez toras rituais, cujo resultado das pesquisas os Timbira consideraram como “*impej*” (bom, certo). O processo de pesquisa e formação não está concluído com esta publicação; enquanto lemos, vemos e ouvimos este material, os Timbira estão em suas aldeias, “correndo de tora” e aprendendo mais sobre as festas e o “movimento do *krii*” (aldeia).



Apãnjekra, Aldeia Porquinhos, Pesquisa dos Mentwajê, Daniela Leme da Fonseca, 2011.

¹ O Centro Timbira de Ensino e Pesquisa *Pënxwyj Hepenxjá* é um ponto de cultura localizado a 17 Km da cidade de Carolina, MA, em uma área equidistante das Terras Timbira. O Centro Timbira foi fundado em 1999 pelo Centro de Trabalho Indigenista/CTI e pela Comissão de Professores Timbira, integrada a Associação *Wyty Catê* dos povos Timbira do Tocantins e Maranhão. Este espaço abriga o Acervo Cultural Timbira com mais de 20.000 fotografias, 600 horas de gravações audiovisuais e de documentos textuais que dizem respeito aos povos Timbira. Neste espaço é que são realizadas diversas atividades ligadas à ação do **Mentwajê Cultural**.

O **Mentwajê Cultural** é uma demanda dos próprios Timbira que, em contato com novas tecnologias e com diferentes metodologias de pesquisa, iniciam outros percursos de controle e atualização de seu repertório cultural; passam a procurar e a identificar os velhos que detêm o conhecimento das músicas, histórias e processos rituais; a acompanhar com mais interesse o movimento interno de suas aldeias; a despertar a curiosidade em outros jovens que, por influência externa, não participam com frequência das atividades rituais da aldeia; a refletir sobre suas identidades e sobre as mudanças em seus modos de produção e transmissão de saberes; e a perceber como é de fundamental importância o intercâmbio de cantadores e a circulação dos saberes para a vitalidade de seu patrimônio cultural.



Krahô, Aldeia Rio Vermelho. Corrida de toras. Gilberto Azanha. s/d

GRAFIA UNIFORMIZADA PARA OS DIALETOS TIMBIRA

Grafia aprovada em 12 de dezembro de 2003 pela Comissão de Professores *Timbira*.

Centro Timbira de Ensino e Pesquisa *Pënxwyj Hepenxjà*.

consoantes: p – t – x – c – k – ' – m – n – g – w – j – r – h

vogais: a – e – ë – ê – ĩ – y – ÿ – ŷ – o – ô – õ – ũ

Explicação das consoantes

1. c – qu – k

Não usar qu.

Usar c para final da sílaba – hapac.

Usar c – k para início de sílaba – ca, kop.

2. ' – h

Usar h para início de sílaba – hapac.

Usar ' para final de sílaba – Pa'nõ.

3. g – h

Os *Krikati* vão escrever h, enquanto os falantes dos outros dialetos Timbira vão escrever g – cahÿ / cagÿ, hõr / gõr.

4. j – x

Os Gavião vão escrever x no final de algumas palavras, enquanto os falantes dos outros dialetos Timbira vão escrever j – ipoj / ejpux.

5. p – t – x – m – n – w – r

Essas letras já estavam sendo escritas da mesma forma, elas foram mantidas.

Nota: A necessidade de uma grafia uniformizada para uso de todos os povos Timbira foi uma discussão polêmica, sugerida pelo CTI aos professores Indígenas como uma estratégia política de visibilidade junto a instâncias governamentais e para abrir espaço para uma língua escrita de comunicação entre estes povos, além do português. Uma escrita "franca" que pudesse ser reconhecida por todos quando o que se desejasse ser comunicado/expreso fosse comum ou de consenso de todos. E tínhamos clareza de que ela iria coexistir com as demais grafias no processo de letramento destes povos. Atualmente esta grafia faz parte do conjunto de outras grafias, com suas variações e adaptações, que são utilizadas pelos seis povos Timbira em suas aldeias, no espaço, ainda restrito, de uso da escrita. Aqui neste material mantivemos, por vezes, as diferentes grafias para uma mesma referência. Nas citações observamos a grafia adotada pelos autores.

Explicação das vogais

6. a – ÿ

ca, pa, cahÿj, ÿhÿ, mÿ

7. y – ÿ

Alguns povos vão dizer [ϕ] ou [X], enquanto outros vão dizer [X] ou [ϕ], mas todos vão escrever ÿ – crÿ, hÿ, pÿ, kwÿr.

Alguns povos vão dizer [ϕ] onde outros vão dizer [X], mas todos vão escrever y – cökryt, tyc, kry

8. e – ë

Alguns vão dizer [ε] e outros vão dizer [e], mas todos vão escrever e – tep, ate.

Alguns vão dizer [e] e outros vão dizer [i], mas todos vão escrever ë – caapër, catë.

9. o – õ

Alguns vão dizer [] e outros vão dizer [o], mas todos vão escrever o – kop, ë'to.

Alguns vão dizer [o] e outros vão dizer [u], mas todos vão escrever õ – caprõ, cõmxë.

10. ê – ĩ

Alguns vão dizer [ε] e outros vão dizer [ê], mas todos vão escrever ê – cõkrë, tẽ.

Alguns vão dizer [ĩ] e outros vão dizer [ê], mas todos vão escrever ĩ – pĩ, mĩ.

11. õ – ũ

Alguns vão dizer [] e outros vão dizer [õ], mas todos vão escrever õ – mõ, põ.

Alguns vão dizer [ũ] e outros vão dizer [õ], mas todos vão escrever ũ – ënxũ, hũmre.

● QUEM SÃO OS TIMBIRA

“Timbira é uma denominação clássica utilizada por cronistas (e poetas) para designar um conjunto de povos que dominaram no passado toda a imensa área dos cerrados do interior do Maranhão – e onde seus sete mil remanescentes ainda habitam, em uma escala territorial bem inferior, é verdade. Alguns destes povos, como os *Krahô* e os *Apinajé*, atravessaram o rio Tocantins no início do século XIX, acossados por criadores de gado, e expandiram as fronteiras do ‘paiz Timbira’³ para além daquele limite natural, ganhando terrenos aos seus parentes *A’wen* (Xerente) e *Kayapó*. Outros resistiram nos seus lugares de origem no interior maranhense, como os *Canela* (*Xákamekrá*, *Apaniekrá* e *Ramkokamekra*) do interflúvio *Corda Grajaú* e os *Krikati*, *Pykobjê* e *Kukojkamekra* do alto Pindaré e afluentes (...)

(...) E, continuam fazendo jus às descrições de Gonçalves Dias quanto a sua resistência, dignidade e altivez que décadas e décadas de preconceitos e política colonialista não foram capazes de dobrar e submeter. Suas aldeias continuam obedecendo ao padrão circular característico; sua língua continua viva e a confiança nos seus curadores se mantém intacta e, logo, sua visão de mundo e a relação com os seres que povoam esta terra. E continuam praticando seus rituais, ou melhor, seus cantos e danças ou, como dizem, suas ‘festas’ (*amjökín* = alegrar-se).” (Azanha, 2006)

³ Paiz Timbira é o termo utilizado por *Nimuendajú* para fazer referência aos Timbira e à extensa região de cerrados onde viviam no início do século passado.



Apānjekra. Mulheres no pátio ritual da Wyty. Daniela Leme da Fonseca. 2011

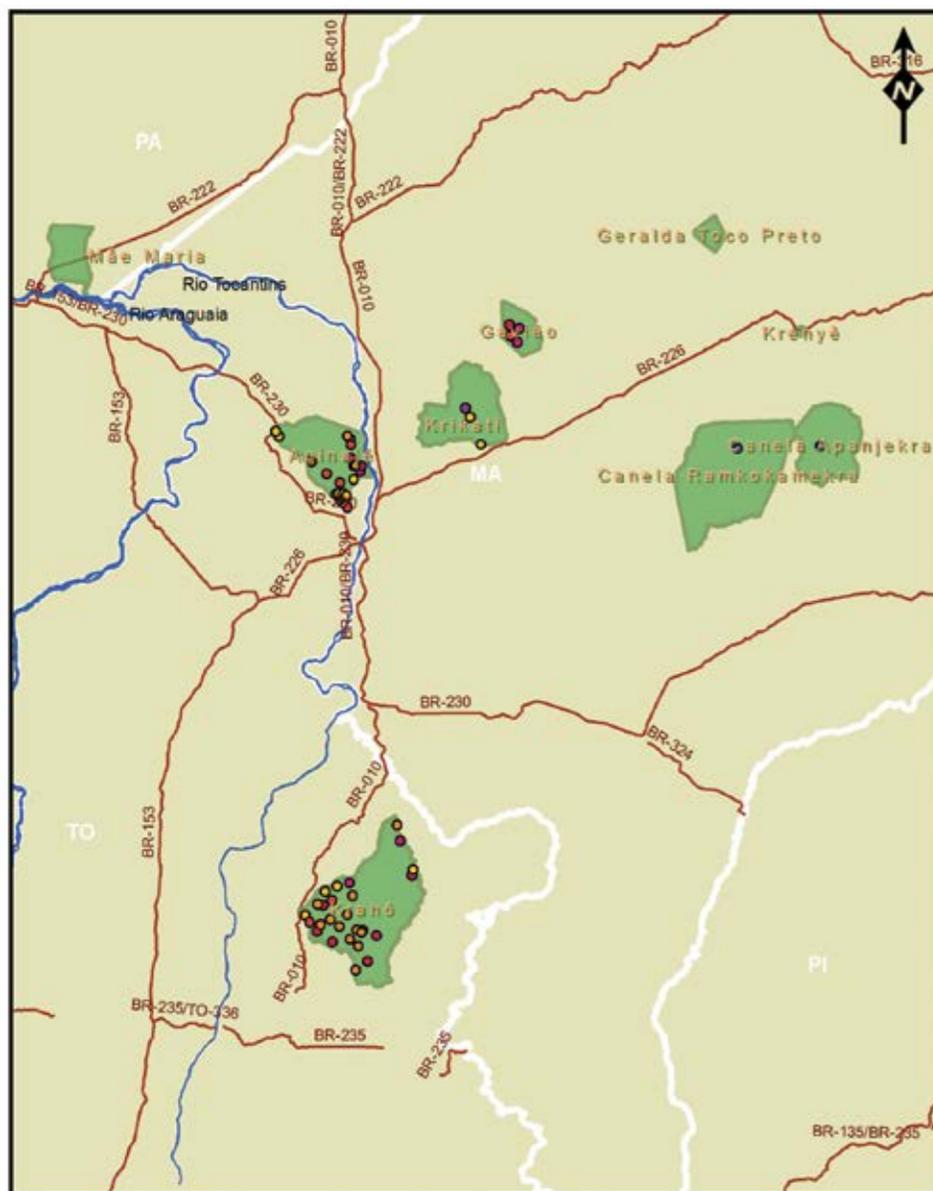


Apinajé. Buriti Cumprido. Pargapê. Odair Giralдин. 2007

MAPA DE POPULAÇÃO

A pesquisa que resultou nesta publicação foi realizada pelos povos Timbira do Maranhão e Tocantins, os Ramkokamekra Canela, Apãnjekra Canela, Krikati, Gavião Pÿkôbjê, Krahô e Apinajé. Atualmente estes Timbira somam cerca de 9.500 mil pessoas em 52 aldeias e 6 Terras Indígenas demarcadas e 2 Terras habitadas pelos Krepÿnkatejê e

Krejê, ainda em processo de regularização. Do conjunto dos povos Timbira faz parte também os Pãrcatejê, conhecidos como os Gavião do Pará. Este povo habita uma região de mata, tem menos tempo de contato com a sociedade nacional e uma história muito particular em relação à dos demais povos Timbira.



Mapa Atual do Paiz Timbira MA/TO 2012

Legenda

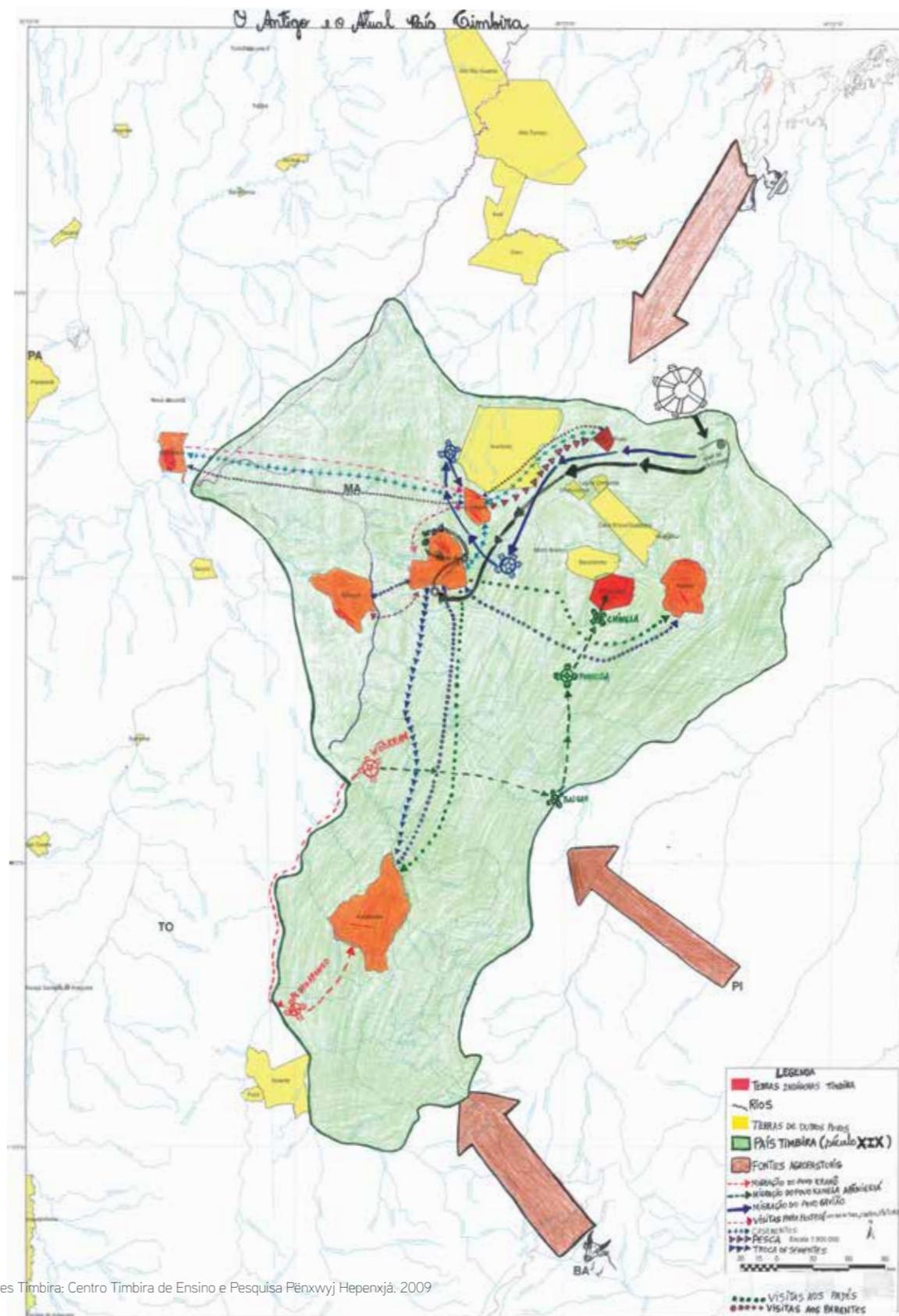
- Massa D'Água
- Limite das Terras Indígenas
- Rodovias
- Estados

Apinajé 25 Aldeias população 1.641 hab. 141.904 ha.	Canela Ramkokamekra 1 Aldeia população 2.113 hab. 125.212 ha.
Gavião 4 Aldeias população 745 hab. 41.644 ha.	Canela Apanjekra 1 Aldeia população 1.100 hab. 301.000 ha.
Krikati 3 Aldeias população 896 hab. 144.775 ha.	Krahô 27 Aldeias população 2.800 hab. 302.533 ha.

Sistema de Coordenadas Geográficas
Datum: SAD 69
Fontes das bases secundárias:
- FUNAI
- IBGE
- ANA



Realização: Apoio:



● O QUE SÃO AS CORRIDAS DE TORAS

As corridas de tora são corridas de revezamento com troncos de madeira e que fazem parte de um contexto ritual. São realizadas em quase todas as aldeias Timbira.

O universo Timbira compreende uma profusão de rituais e em todos estes os Timbira correm com tora e sempre em pares, tais como os grupos que disputam a corrida. As toras são específicas de cada ritual, por isso variam conforme cada contexto – a madeira utilizada em sua confecção, as pinturas que as enfeitam, as canções que os especialistas dos rituais (*padré*) entoam em cima delas.

“É digno de nota que a maioria dos grupos que praticam ou praticavam as corridas de toras se classificam como pertencentes ao tronco lingüístico *macro-jê*: os *camacãs*, os *fulniôs*, os *Timbiras*, os *xerentes*, os *xavantes*, os *caiapós do sul*. Isso não significa que todos os grupos do tronco *macro-jê* corram com toras: os *caingang*, os *carajás*, os *bororos*, por exemplo, não o fazem.” (Melatti, 1976)

Uma corrida de toras acontece sempre que a aldeia está reunida, pela manhã para acordar a aldeia e colocá-la em movimento, ao final do dia quando do retorno do trabalho na roça ou de uma caçada. Também ocorrem em todos os momentos rituais.

“Em qualquer momento do ano uma aldeia Timbira estará envolvida com a realização (preparação ou finalização) de várias festas (...) tudo que implica mudança de estado nestas sociedades é festejado: nascimentos, mortes, mudanças das estações do ano, o primeiro milho, a primeira batata-doce, o fim dos resguardos por doença, a passagem das dignidades rituais de uma pessoa para outra.” (Azanha, 2006)

Os homens cortam duas toras iguais de madeira, conhecidas genericamente como *crow*. Após a confecção de cada *crow*, fora do limite da aldeia, dois grupos de homens ou mulheres, divididos de acordo com suas metades cerimoniais, correm revezando a tora de sua metade cerimonial, ou seja, passando-a de ombro em ombro entre seus companheiros de “partido” até chegarem na aldeia. A disputa se dá entre as metades cerimoniais, os “partidos” – como dizem os Timbira – que regulam/orientam o ritual em questão.





Krahô. Aldeia Nova. Pãrgapê. Demian Nery. 2006

“Ao se iniciar uma corrida, cada metade se aproxima de uma das toras e um de seus membros, com ajuda dos companheiros, a coloca aos ombros. Cada um dos carregadores de tora, correndo, é seguido pelos demais membros de sua metade: quando se mostra cansado, um dos companheiros o substitui. E assim as toras vão passando de ombro a ombro até o ponto de chegada.

(...) A corrida de mulheres é menos frequente que as dos homens. Estes correm quase todos os dias e até mais de uma vez no mesmo dia. As mulheres adultas não disputam corridas com os homens, mas sim com outras mulheres. Para correrem, também se dividem em metades. Quando as mulheres correm, um par de toras é confeccionado especialmente para elas. Normalmente a partida das mulheres precede a dos homens. As corridas de crianças também são raras. Elas não se dividem em metades, ao correr, mas se opõem por sexos: meninos contra meninas.” (Melatti, 1976)

COMO SÃO CONFECCIONADAS

São muitos os tipos de madeira que podem ser utilizados para a confecção de uma tora, a depender do ritual que está sendo realizado e da oferta da madeira na terra indígena:

Buriti - *Mauritia flexuosa*
Sucupira - *Pterodon emarginatus*
Murici - *Byrsonima verbascifolia*
Barriguda - *Eriotheca gracilipes*
Pau-roxo - *Peltogyne cf. subsessilis*,
Jatobá - *Hymenaceae stigonocarpa*

Mas é o Buriti, *crowa*, palmeira referência do Cerrado, a mais frequente para a confecção das toras.



Apinajé. Buriti. Peter Caton. 2010

“O Buriti é uma palmeira comprida e muito alta. Essa palmeira só nasce na beira do rio (...) O tronco serve para fazer as toras. Os homens cortam o pé de buriti e preparam com ele duas toras que servem para corrermos nas festas tradicionais. Os Timbira correm com tora de buriti, esse é nosso costume.” (Pesquisadores Timbira CTI, 2006)



Gavião. Aldeia Governador. Barriguda. Daniela Leme da Fonseca. 2011



Ramkokamekra. Jatobá. Daniela Leme da Fonseca. 2011



Ramkokamekra. Murici. Daniela Leme da Fonseca. 2011



Krahô. Aldeia Nova. Tora de Buriti, ritual Pãrgapê. Demian Nery. 2006

As árvores utilizadas na confecção das toras estão localizadas nos ambientes do Cerrado que devem estar em um raio de, no máximo, três quilômetros do perímetro da aldeia. Estes ambientes são classificados pelos Timbira como:

Irom: áreas de matas, um ambiente com vegetação densa e de grande porte, com árvores de 15 a 20 metros. A flora do *Irom* é aproveitada na construção de casas, na coleta de alimentos e para confeccionar as maiores toras de corrida.

Hawen: vegetação associada aos topos das serras, densa e fechada, local de mata seca.

Põtê: veredas e matas ciliares, correspondem à vegetação comum das margens dos riachos e brejos. No *Põtê* encontram-se os buritis.

Hacot: cerrado propriamente dito. De grande importância sociocultural para os Timbira, é o local de preferência para o estabelecimento de aldeias e onde são realizadas as corridas de tora. (CTI, 2006)

Após a escolha da árvore, as toras são cortadas e levadas para o local de onde partirá a corrida. As toras são cortadas, confeccionadas e adornadas fora do espaço circular da aldeia. São sempre os homens os responsáveis pela escolha da árvore, seu corte e confecção.

Antes do contato, os Timbira utilizavam o fogo e o machado de pedra para a realização desse processo, mas há pelo menos 200 anos utilizam o machado de ferro e, mais recentemente em algumas aldeias e situações, a serra elétrica.

As toras possuem diversos tamanhos: desde toras muito pequenas que podem ser conduzidas pela mão até toras muito grandes e pesadas, com mais de 100 quilos e que

podem ficar por um ou mais dias submersas na água para ganhar peso. Além disso, apresentam várias formas: podem ser “esculpidas” apenas na superfície, pouco ou inteiramente côncavas.

“Toda tora tem pelo menos uma rasa cavidade, formando uma borda pela qual o corredor a segura com a mão, a fim de mantê-la firme aos ombros. Há, entretanto, um par de toras, usado uma vez por ano, em que essa cavidade se reduz a um pequeno furo no centro de cada base. Essas toras se chamam ‘Buraco de Picapau’, sem dúvida numa alusão a seus pequeninos orifícios. Já as toras *Përteré*, com que também se corre uma vez por ano, ao invés de cavidades, dispõem de cabos, que as atravessam pelo eixo, dando-lhes a aparência de grandes rolos de esticar massa de pastel. Não são de buriti e os corredores as mantêm aos ombros segurando-as pelos cabos.

Há também aquelas chamadas ‘Tora da Batata-Doce’ ou ‘Grande Tronco’, confeccionadas uma vez por ano, no tempo da colheita do vegetal que lhes dá o nome. Também não são de buriti, mas de madeira. Têm a altura quase igual ao diâmetro. Numa das cavidades de cada tora se coloca uma torinha bem pequena. Com essas torinhas meninos e meninas começam a correr, seguidos dos homens, com as toras maiores. No início da estação chuvosa se faz uma corrida com toras chamadas ‘*Sucuriju*’. São troncos de uns seis metros de altura, por uns 12 centímetros de diâmetro na base maior. Essa extremidade mais grossa se considera a ‘cabeça’ da ‘*Sucuriju*’, enquanto a mais fina, o ‘rabo’. A corrida se inicia a umas poucas centenas de metros da aldeia. O corredor põe a ‘cabeça’ da ‘*Sucuriju*’ no ombro e deixa o ‘rabo’ se arrastar no chão. Na mesma época se corre com as toras chamadas ‘*Pati da Chapada*’, que são minúsculos cilindros (não sei se feitos de *pati*) com uns 15 centímetros de altura.” (Melatti, 1976)



Toras nas aldeias Timbira. Daniela Leme da Fonseca, Odair Giraldin e Demian Nery (2006-2011).



AS PINTURAS E ADORNOS DAS TORAS

Depois de esculpidas, as toras são adornadas de acordo com o contexto ritual em que estão inseridas e podem ser apenas pintadas ou ainda emplumadas com penas ou raspas de palmeira.

São as mulheres as responsáveis pelos adornos e pinturas. Estes podem ser feitos no local onde as toras foram cortadas ou ainda no caminho onde foram assentadas para dar início à corrida.

As cores utilizadas para a pintura são o vermelho (produzido a partir do urucum) e o preto (produzido com carvão).

O urucum, *py*, é o fruto da *Bixa orellana*, árvore conhecida como urucuzeiro. Suas árvores são de fácil acesso para os Timbira, pois estão nos quintais das suas casas, em locais de antigas aldeias e nas roças. É um marcador da presença humana no Cerrado. O fruto maduro é vermelho e depois de ser processado, ou seja, pilado e fervido com água e transformado em um “pão de urucum”, é utilizado para pintar os corpos e as toras com a ajuda do sumo do coco de babaçu (*rõkhỹ*), obtido pela mastigação do babaçu pelas mulheres.

“O pé de urucum nasce atrás das casas, nos quintais da nossa comunidade. Quando os frutos ficam maduros, a gente quebra o galho, debulha e vai botar a sementinha, que é bem vermelha, no pilão e vai pilar. Depois de pilado, coloca o suco na panela e fica fervendo, gasta muito tempo no fogo. Quando secar, faz uma bola de urucum e está pronto para pintar nosso corpo.” (Reginaldo Ron Krahô, CTI, 2006)



Apãnjekra. Urucum na tigela. Paulo Thugran Canela - Pesquisador Indígena. 2012



Apãnjekra. Tinta de urucum. Daniela Leme da Fonseca. 2012



Apãnjekra. Bola de urucum. Daniela Leme da Fonseca. 2011



Pënxwjj Hepenxjà. Desenho árvore de urucum. Carlos Tep Krut Fernandes Apinajé. 2011

“O carvão que permite a cor preta pintar a tora pode servir de pedaços de madeira queimados e principalmente de cabaças queimadas que são fixadas com o auxílio do pau de leite.” (CTI, 2006)

O pau de leite – como é conhecida a *Sapium glandulosum* – é uma árvore que pode ser encontrada na mata e na chapada.

“O pau de leite, *ajrom huc*, pode ser encontrado na chapada, nós retiramos da casca da árvore, aí sai um leite branco do mesmo tipo de leite de vaca. Nós usamos o pau de leite como uma cola.” (Rondon Kengunan Apãnjekra, CTI, 2011)

O leite desta palmeira é recolhido com a folha enrolada de outra palmeira, o Pati, *Syagrus olerace*, e é indispensável em todo os processos de emplumação das toras.

“Quando a gente sai para buscar pau de leite, a gente tem de sair em jejum de manhã bem cedinho. Aí a gente pega bastante leite.” (Oswaldo Krikati, CTI, 2011)



Krahô. Aldeia Cachoeira. Emplumando as toras Parcahãc. Júlia Trujillo Miras. 2010



Gavião. Aldeia Governador. Carvão e pau de leite. Daniela Leme da Fonseca. 2011

Os Krahô, Gavião, Krikati e Apinajé utilizam o líquido do pau de leite para emplumar algumas de suas toras. Segundo os pesquisadores Ramkokamekra e Apãnjekra, em suas aldeias não se emplumam toras. Carvão e raspa da palmeira *Pati* também são colados com o auxílio do sumo do pau de leite.

Para enfeitar com as raspa do *Pati*, é preciso que após a extração elas sejam umedecidas e posteriormente secas no fogo. Depois de prontas, as raspa são fixadas às toras com o auxílio do pau de leite.

As penas utilizadas no adorno das toras são as de periquito, de juriti ou de gavião, e também são fixadas com o pau de leite, variando de acordo com o partido – metade cerimonial – de cada ocasião ritual.



Pënxwjj Hepenxjà. Desenho retirando pau de leite. Márcia Caxtãt Krahô. 2011

OS CANTOS ENTOADOS NAS TORAS



Krahô, Aldeia Cachoeira. Emplumação das toras Pargahác. Júlia Trujillo Miras. 2010.



Krahô, Aldeia Cachoeira. Júlia Trujillo Miras. 2010

Entre o corte da árvore e a confecção das toras, há um intervalo que pode durar alguns dias. Os cortadores das toras saem para o mato e este é o momento que marca o início ou o fim das grandes cerimônias. Neste momento, toda a aldeia se prepara terminando a fabricação dos enfeites, buscando o pau de leite, queimando cabaças ou madeiras, armazenando penas, coco de babaçu, e preparando o pão de urucum para os adornos e pinturas corporais.

Há um conjunto de cantos associados às toras, os quais devem ser entoados quando do abate da árvore, quando de sua confecção e antes do início da corrida.

Estes cantos são de responsabilidade de cantadores especiais, que dominam e podem entoar as cantigas específicas de cada tora/ritual, e são marcados pela cadência do xý, amarrado nas pernas dos cantadores.

“O xý consiste numa faixa de algodão tecido, na qual são amarradas e entrelaçadas inúmeras pequenas cabaças, cerca de 80 a 100, que se entrechocam. As cabaças medem de 2 a 3 cm de circunferência e são cortadas de modo a formar pequenas campânulas. Por vezes podem ser confeccionadas com semente ou unha de veado. Quando agitadas, produzem um som delicado.” (Setti, 1995)



Ramkokamekra Canela. Aldeia Escalvado. Cantador entoa cantos nas toras Pyr. Diário Ramkokamekra. 2011

Durante a corrida, o *xý* é usado amarrado na cintura por aqueles que são bons corredores de tora e marca sonoramente, pelo movimento do corpo do corredor, a sua presença na corrida.

Quando finalmente os cantos são entoados, as toras deixam de ser pedaços de madeira e tornam-se objetos rituais.

“Basílio cantou na praça com alguns rapazes. Todos estavam sentados no chão, voltados em direção ao local onde jaziam as toras, fora da aldeia. Basílio batia com o *xý* no chão. Disse-me Secundo que os cânticos eram para que as toras ficassem alegres.” (Melatti, 1978)

● O PERCURSO DAS TORAS



Krahô, Aldeia Galheiro. Gilberto Azanha, 1983

“Conforme o rito que se realiza, variam os grupos que disputam a corrida, assim como a forma das toras e até mesmo o percurso (...). A corrida se faz de fora para dentro da aldeia, ou apenas dentro dela. Mas nunca se realiza do interior para o exterior.” (Ladeira, 1983)

Depois de prontas as toras, os homens ou mulheres divididos pelas metades cerimoniais, os “partidos”, iniciam a

disputa. Correm atravessando caminhos e trilhas do entorno da aldeia e que mapeam os lugares de uso de seus habitantes – roças, áreas de coleta, capoeiras antigas. Em algumas corridas, ao chegarem à aldeia dão uma ou mais voltas no círculo maior que circunscribe as casas, o *kriikape*, até o momento da derrubada da tora que acontece no *cýy* – pátio da aldeia ou na casa de um *Wyty*.

Correm sem trégua até entrarem na aldeia e derrubarem as toras no chão do pátio. O “partido” vencedor é aquele que derruba primeiro a tora no chão.

“Dependendo do rito e da atividade que os índios estejam realizando, o ponto de partida pode ficar desde algumas centenas de metros até uns poucos quilômetros da aldeia. E o ponto final da corrida deve ser o pátio ou uma das casas de *Witi*.” (Melatti, 1976)

“O círculo do meio da aldeia é conhecido por *Cýy* e dele saem caminhos radiais que levam ao círculo maior, o *KriiKapê*, local onde estão as casas. Todas as casas possuem a mesma distância do *Cýy*, essa organização espacial expressa que todas as casas possuem o mesmo peso político dentro da aldeia.” (Ladeira, 1982)



Krahô, Aldeia Nova. Lucas Bonolo, 2012

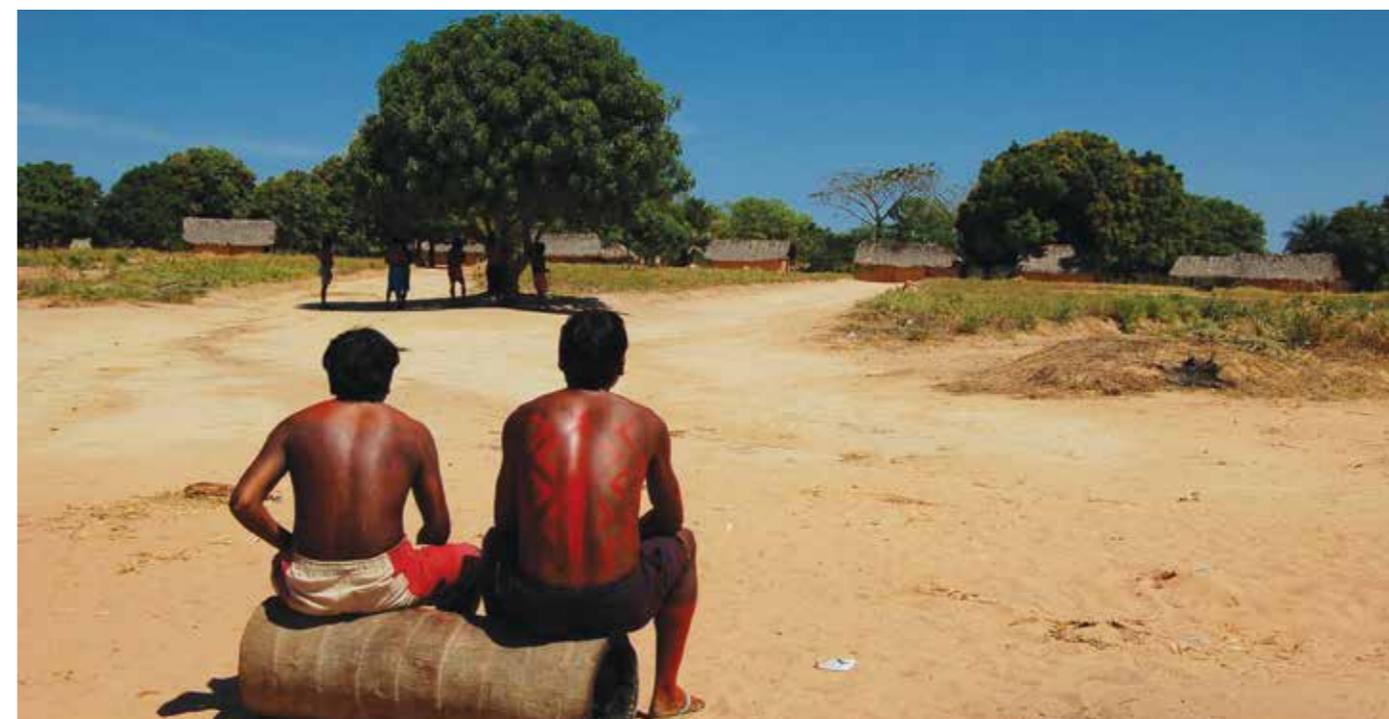
“Um *Wyty* é uma menina ou um menino escolhido pela aldeia que enquanto detiverem essa dignidade não devem casar ou manter relações sexuais. Com um *Wyty* todos precisam manter o respeito e em sua casa todos podem entrar. Nos rituais, os homens são recebidos na casa de uma *Wyty* menina e as mulheres são recebidas na casa de um *Wyty* menino. Os Timbira dizem “vamos para a pensão”, indicando que lá é o local onde todos podem entrar e receber alimentos. Em muitas corridas com toras, estas são derrubadas em frente à casa de um *Wyty*. (...)”

As corridas vindas de fora da aldeia se fazem geralmente no final da tarde, quando os índios retornam de alguma atividade coletiva: uma caçada, um mutirão na roça de um deles. Enquanto caçam ou trabalham na roça, uns dois deles preparam as toras. Derrubam um buriti e cortam duas seções de seu tronco. Os dois cilindros assim obtidos, iguais em tamanho, são rolados para fora do brejo e colocados num lugar limpo. Se os demais índios estão caçando, é neste local que virão dividir entre si os animais abatidos. Velhos e meninos se encarregam de levar as espingardas e os pedaços de carne que tocaram a cada um dos rapazes e homens adultos, enquanto estes partem correndo com as toras na direção da aldeia. Toda corrida que sai de fora da aldeia se faz sempre com toras novas.

As corridas realizadas exclusivamente dentro da aldeia são geralmente matinais, bem cedo, antes que os moradores da aldeia se preparem para iniciar as atividades do dia. As toras são selecionadas dentre aquelas já usadas e que estão à volta de uma das casas de *Witi*. Partindo daí, os corredores dão várias voltas pelo caminho circular da aldeia até deixarem as toras diante da mesma casa.” (Melatti, 1976)

As toras atravessam um espaço socializado em seu percurso até a aldeia, ambiente percorrido constantemente pelos habitantes da aldeia em suas atividades de caça, coleta, roça. A chegada à aldeia e a derrubada da tora têm assim de ser no espaço mais social possível, o do pátio ou de casas que detêm dignidades rituais, quando então cumprem a sua função e voltam como objetos cotidianos para o espaço das casas.

Depois que é derrubada no chão, como anúncio do fim da corrida, a tora deixa de ser um objeto ritual e passa a ser apenas um pedaço de madeira. Por toda a aldeia podem-se ver toras velhas; os Timbira utilizam-nas como bancos ou como barreiras na porta das casas para impedir a entrada de animais.



Krahô, Aldeia Rio Vermelho, Cýy - pátio central da aldeia. Demina Nery, 2006

COM QUEM OS TIMBIRA APRENDERAM A CORRER COM TORA

Na mitologia Timbira pode-se encontrar várias passagens referentes às corridas de tora. Normalmente narram que um *mehin* observou ou participou de uma atividade ou festa realizada por outros seres animados e, ao voltar para a aldeia, contou a seu povo a maneira certa de fazer a festa.

“Quando *Pud e Pudleré* criaram o mundo, vieram testando todas as suas criações e fizeram os bichos que falavam e estes criaram a festa do *Wyty*. Quando os bichos criaram a *Wyty* é que criaram a corrida de buriti, de manhã e à tarde tinha corrida, um bicho corria com o outro de manhã cedo e às 4 horas da tarde. As disputas das corridas eram feitas entre os bichos do mato: onça, anta, suçuapara, caitetu, veado mateiro contra os bichos da chapada: ema, seriema, perdiz, tatupeba, tatu bola com rabo de couro, veado do campo. Um bicho do mato corria contra um bicho da chapada, e assim em frente. Na festa da *Wyty* tinha vários pássaros e cada um apresentava seu canto. Um pássaro ignorou a música de outro pássaro aí a *Wyty* desmanchou a festa, porque estava tendo briga, aí o pai da *Wyty* terminou a festa. Foi assim que aprendemos a correr e a cantar as músicas de cada *amjökin*.” (Alberto Hapyhi Krahô, CTI, 2011)

“O macaco convidou a guariba para correr com a fruta de inajá, a guariba perdeu para o macaco que cortou o cipó na hora do guariba atravessar o rio. Aí o guariba foi conversar com o macaco porque ele tinha feito enganação. O guariba chamou o macaco para correr com fruta de coco de babaçu, aí o guariba tava na frente e cortou um pedaço do cipó para o macaco cair e não ganhar. E foi assim que foi a primeira corrida de tora.” (Joel Rocó Apanjekra e Justino Ramkokamekra, CTI, 2011)

Por isso quando na aldeia falam que vão correr com a tora da guariba, toras do tipo *crowti*, (ti = partícula aumentativa), todos já sabem que é uma tora grande e pesada. Da mesma maneira, quando falam que vão correr com uma tora do macaco, *cucoy*, toras do tipo *crowre*, (re = partícula diminutiva), todos já sabem que é uma tora pequena.

“Mas as toras talvez não representem apenas animais, vegetais ou estações. Harald Schultz, quando transcreve a versão craô do mito da origem do fogo, comenta que a fuga dos índios com o tição, desde a morada da onça até à aldeia, passando-o de ombro para ombro, se assemelha a uma corrida de toras.” (Melatti, 1976)

As cantigas e tipos de tora entre os Apãnjekra foram ensinadas por um jacaré a um índio, conforme o seguinte episódio do mito.



Pënxwvj Hepenxjã. Desenho Homem correndo de toras. Oscar Apinajé. 2010

Acompanhe as cantigas pela numeração no DVD:

1. Cantigas do *Cucoy* entre os *Ramkokamekra*
2. Cantigas do *Cuput* entre os *Ramkokamekra*

“No tempo em que os bichos conversavam, *Kohkot Jãtmãm* estava comendo barro. Depois de comer barro ficou bem amarelinho e foi de manhã cedo para o pátio onde todos os mehin estavam fazendo fogo. O *mĩti*, jacaré, que também era *waiaká* (curador, pagé), saiu de baixo da terra no meio do pátio e nenhum mehin viu, só o *Kohkot Jãtmãm*. Daí o *mĩti* levou o *Kohkot Jãtmãm* por baixo da terra até chegar embaixo da água e perguntou para ele por que ele estava amarelo. *Kohkot Jãtmãm* falou que tinha comido barro e o *mĩti* deu para o *Kohkot Jãtmãm* assado de traíra e começou a curar o *Kohkot Jãtmãm* ensinando ele a comer direito e arranhando o corpo dele com a unha para sair o barro. Depois *mĩti* ensinou ao *Kohkot Jãtmãm* como cortar, pintar todas os tipos de tora e como cantar as cantigas das toras do jeito certo. *Kohkot Jãtmãm* voltou para a aldeia e ensinou a todos como fazer os *amjõkin*.” (José Barro Pakã Apanjekrã, CTI, 2011)

“Dizem os craõs que sonhar com tora pesada é sinal de que se vai matar anta; já o sonho com tora leve prevê o abate de um veado ou de alguma outra caça pequena”. (Melatti, 1978)



Apãnjekra. Desenho Kohkot Jãtam e miti. Benedito Waiaká Canela. 2011



Ramkokamekra. Corrida Pyr. Helena Ladeira. 2011

COMO SE TORNAR UM BOM CORREDOR



Krahô. Aldeia Galheiro. Gilberto Azanha. 1983

Nas conversas e nos relatos sobre os resguardos, os Timbira sempre afirmam que é preciso cumprir o resguardo para ser um bom corredor e por consequência, ser forte e resistente para andar na chapada ao sol quente, caçar e realizar outras atividades cotidianas. A relação entre bom corredor e bom caçador é enfatizada, já que os resguardos para ambos se assemelham.

“Não pode ficar com mulher, só come farinha seca. Cinco meses assim, já pega tora. Bom mesmo é 10 meses. Acorda de madrugada, vai no brejo, vai banhar, vai esfregar folha de sucupira, folha de araquá, esfrega nas pernas e joga pra trás. Depois volta correndo pra aldeia. Tem que pegar caco de vidro, quebra e amarra com embira e risca três vezes perto da virilha, no meio da coxa, próximo ao joelho, no meio da canela e passa pimenta. Só depois que forma casca que pode banhar. Depois da corrida tem que mascar pimenta e passar frio. Conhecedor de resguardo é bom caçador, bom corredor. O *waiaká* escolhe aquele que quer que se interesse de correr.” (José Diogo Ramkokamekra, CTI, 2011)

“Os resguardos dependem da distância a ser percorrida. Existem quatro modelos de remédio pra fazer corrida. Você vê mais ou menos a distância que você quer correr e de acordo com a distância, tem um remédio certo. Quer distância curta ali do pátio, tem remédio curto pra aquela distância ali. Para distância longa, três léguas, quatro léguas, tem também. Aí você quer usar um deles, você usa o resguardo de acordo. Para perto tem uns dias, pra distância média tem uns dias e para distância longa, tem uns dias também. Não vou dizer assim: o remédio é esse. É do mato, difícil de ver na aldeia, mas atrás ali da casa tem, o que você quer tem, o que você usa, o que você quer, tu usa aquele remédio. Também tem que se separar dos outros e de tudo, não ficar conversando junto com qualquer um, não. Separa tudo, bebida, todo mundo não

pode beber no seu copo. Comida tem horário de comer, sua mãe tem horário pra te dar comida, não é qualquer horário que você come, você come às 9 horas, pronto, você vai comer só às 4 horas. Porque você não pode comer à noite, não pode comer muito cedo também, não pode. O que você pode fazer cedo é beber. Beber a água é bom, e tem uma folha do mato que você todo dia fica mastigando, todo dia. Não sei o nome do português. Tem que preparar um monte e fica dia todo mastigando. Não pode dormir na casa, tem que ficar lá na sua rede, não pode deitar na rede de ninguém dormir com ninguém, você não pode encostar e ninguém pode encostar na tua rede. Tem que ficar longe de mulher, mulher pra você é veneno, não pode nem passar perto de mulher. Então tem um tempo, cumpriu aquele tempo lá, aí não, todo dia você faz corrida também, todo dia tem que treinar, todo dia.” (Alberto Hapyhi Krahô, CTI, 2011)

“Vocês estão ouvindo que antigamente nosso tio que quer ser um bom corredor tem que fazer resguardo. Tem que tomar uma folha de sucupira (*cutáho*) casca de madeira (*pemká*) e *amcrocurehõ* de uma folha, para passar na perna. Não pode comer muito, nem tomar muita água e não pode sentar na tora e quando alguém vai sentar na tora tem que comer aquele miolo do buriti.” (Pedro Cacheado Krahô, CTI, 2011)

“Minha avó falava pra mim e meu pai também falava muito pra mim, porque eu fui sempre corredor, porque meu avô falava sempre pra mim não comer muito, tomar pouca água, e nem sentar; pra correr tem que andar em pé e beber pouca água, e eu fui também nesse resguardo, caçador. Também não pode sentar no tronco que está de fora, só vai comer aquele miolo molinho da tora e mastiga e passa nas costas para ser forte, para ser corredor de *Crow* e tora grande e também para ser matador de veado e de todos os bichos.” (Baú Krahô, CTI, 2011)

TORAS, ORGANIZAÇÃO SOCIAL E O TEMPO

As toras estão sempre inseridas em contextos rituais, nas “festas”. E, como nos diz Azanha, “as festas preenchem o calendário anual das aldeias Timbira quase que integralmente: sempre, em qualquer período do ano, uma aldeia estará preparando uma festa, executando outra ou aguardando condições para finalizar uma outra. Cada ritual (ou “festa”) é marcado pelo nome de uma tora de corrida específica e por cantos específicos. As festas Timbira – e portanto as corridas com toras – são relativas ao ciclo anual (festa do milho – *Põnhuprô*; da batata – *Jatjõpin*) ou da mudança da estação do ano – *Pårti*, à iniciação dos jovens entre 9 e 16 anos (*Kéetwajê*, *Ikrerekam* e o *Pempacahâac*), à regulamentação das relações interpessoais e de parentesco usando as relações entre os animais como paradigma (como a festa do peixe – *Tepjarkwa*, do papa-mel – *Krokroc*, das máscaras *Kô'krit'hô*), às festas relativas à assunção ou à entrega da dignidade *wyty* a alguém ou ainda às festas e pequenas cerimônias relativas ao ciclo vital de um indivíduo (fim de resguardo do casal pelo nascimento dos filhos, ritos de reintrodução de alguém que ficou afastado por muito tempo do convívio na aldeia, por doença ou luto) (Azanha, 2006).

As toras, enquanto objetos rituais, personificam animais, plantas, seres que habitam o mundo. Correr com toras faz parte do conjunto de ações que mantêm o equilíbrio e a harmonia do universo. A corrida de tora está ligada ao tempo. Correr com a tora certa no tempo certo e na festa certa ajuda o milho a crescer, a chuva a cair, o morto a encontrar seu caminho, o sol a se pôr...

O espaço da aldeia, circular e concêntrico, apreende com a corrida de tora o que está sendo trazido de fora. E as festas levam ao pátio conhecimentos e saberes adquiridos de seres de outros mundos, em um movimento cíclico que garante a perenidade do social, do modo de ser Timbira.

“Entre os Timbira todos os seres e coisas que povoam o mundo estão situados no espaço concêntrico e circular da aldeia: homens e mulheres, animais, plantas, seres mitológicos, etc. são classificados como “filhos do pátio” (*Càà-ma-akra*) ou como “filhos do fundo das casas” (*Atyc-ma-akra*) sendo estes os nomes das metades cerimoniais às quais todos os Timbira se vinculam através da nomenclatura. E, a estas metades cerimoniais se remetem uma série de oposições cosmológicas (sol/lua; dia/noite; fogo/água; nascente/poente; vermelho/preto; verão-seca/inverno-chuva) que expressam a organização do universo Timbira” (Ladeira, 1983).

Estas metades, opostas e complementares são designadas também como *Katamjê* e *Wacmejê* entre os *Krahô* e *Kolti* e *Kolré* entre os Apinajé.

A este par de metades *Càà-ma-akra/Atyc-ma-akra* (*Cyjmy'cral A'tycmy'cra*) também estão associadas as metades *Hiry catējê/Cyjcatējê*. Estas metades são comumente chamadas e traduzidas pelos Timbira como “partidos”.

O registro é dado pelo ambiente físico do Cerrado onde o contraste é marcante: **LUZ x SOMBRA**

• *Hiry catējê* (leste, onde o sol se levanta, luz crescente)
X *Cyjcatējê* (oeste, onde o sol desce, luz decrescente)

• *Wakmeyê* (estação seca, luz intensa, vermelho) X *Katamyê* (estação das chuvas, pouca luz, sol encoberto, preto)

• *Cààmakra* (pátio, sol do meio dia, público, discurso formal)
X *Atycmakra* (casas, sombra nas casas, privado, fuxico)

O pertencimento de um indivíduo ao “partido” é dado pelo seu nome pessoal. Cada indivíduo, ao receber um nome, passa a integrar diferentes pares de metades que disputam as corridas de tora nos momentos rituais. Um conjunto de nomes está ligado a cada uma das metades e o pertencer a uma delas faz o indivíduo ter o domínio de tudo o que está associado a essa metade, ao tempo do verão ou do inverno. O pertencer a uma metade é expresso fisicamente pela pintura corporal. Listas verticais indicam a metade *Cyjmy'cra* e listas horizontais a metade *A'tycmy'cra*.

Há um conjunto de atitudes e obrigações que estão associadas a estas metades. Os homens da metade cerimonial *Wacmejê* (*Càà ma akral Cyjmy'cra*) é que decidirão, na reunião no pátio da aldeia, as atividades a serem realizadas naquele dia ou as necessárias para a conclusão – o “arremate” como dizem os Timbira – de um determinado ritual que faz parte do tempo do verão, da estação da seca. O mesmo acontece na estação das chuvas, no tempo do inverno, quando serão os homens *Katamjê* (*Atyc ma akral A'tycmy'cra*) que tomarão as decisões e a condução da vida cerimonial e política da aldeia.



Krahô, Aldeia Nova. Fogo. João Morita, 2007



Krahô, Aldeia Rio Vermelho. João Morita, 2006

Quando as primeiras chuvas começam a cair e a paisagem do cerrado começa a se modificar há uma corrida de tora marcando a transição do tempo do verão para o inverno, determinando a substituição do partido cerimonial *Wakmejë* (*Càà ma akral Cýjmy'cra*) pelo *Katamjë* (*Atyc ma akral A'týcmy'cra*) no governo da aldeia.

Nas palavras de Alberto Hapyhi Krahô e Afonso Cupô Krahô tal transição é assim descrita:

“Os *Katamjë* cortam toras grandes, feitas das árvores que se encontram nos campos, tipo Barriguda, Buriti, Maria Preta, Sucupira, Angelim. A primeira corrida deste tempo é realizada as seis horas da manhã com as toras *Rôtã* (sucuri). Esta tora pode ser de qualquer madeira; elas são gigantes e carregadas por duas pessoas pelas beiradas. Às 6 horas da tarde correm com a tora *Rodlé*, do tamanho de um copo de cerveja, que são feitas de *Pati*, um tipo de palmeira. Depois dessa corrida com as toras *Rodlé*, o machado, o *kýjré*, é entregue aos *Katamjë*; suas toras são grandes e são conhecidas como *Katamti* e só os homens *meken*⁵ é que cortam estas toras; quando não tem meken no partido *Katamjë*, qualquer um pode cortar, até do outro partido. As toras do partido do *Wakmejë* são na maioria *Wakmeré*, são pequenas e feitas da madeira que tiver na chapada, *Pati* ou *Raiba*, ou qualquer madeira que estiver perto da pessoa. Isto acontece porque na chapada é comum existirem árvores pequenas. Quando decidem correr com toras grandes, *Wacmeti*, as pessoas do partido *Katamjë* emprestam as toras do mato, as toras do *Katamti*. No tempo do *Wakmejë* sempre começa a correr com a tora do *Wakmere*, pequenas, que podem ser ocadas ou não. O cortador que também é um meken ligado ao partido do *Wakmejë*, e as outras pessoas *Wakmejë* podem escolher se querem ou não correr durante o período com as toras *Wacmeti*, que são grandes e emprestadas, que sempre são feitas de Buriti e podem ser cavadas. A última corrida de tora deste tempo é com toras *Wakmeti*.”

Segundo os pesquisadores *Apãniekra* e *Ramkokamekra*, em suas aldeias a passagem do inverno para o verão e do poder das metades que governam a aldeia se dá com os *Atyc ma akra* cortando toras compridas e finas com o nome de *Katamré*. Depois de alguns dias correndo com estas toras, disputando com o partido *Cýjmy'cra*, passam o *kýjré*⁶ (machadinha ritual) para que os *Cýjmy'cra* assumam o controle das toras e do conjunto de rituais que pertencem àquela estação e à vida política da aldeia. As toras *Wakmere*, redondas e pequenas, semelhantes a um disco, são cortadas pelos homens do partido *Cýjmy'cra*, pelo mesmo período de tempo. A passagem da machadinha é feita novamente e os *A'týcmy'cra* assumem o corte e passam a fazer toras *Katam*, de tamanho médio; depois repassam para os *Cýjma'cra*, que coram as toras *Wacmere* e assim sucessivamente até que as toras



Pênxwjj Hepenxã. Apresentação das pinturas dos partidos do inverno e do verão. Elisa Canola, 2011.

cheguem a ser muito grandes, *Katamti* e *Wakmeti*. As toras dos *A'týcmy'cra* possuem uma cruz de carvão na borda e as toras dos *Cýjmy'cra* são pintadas com listras de urucum.

A mudança na paisagem do cerrado em decorrência das estações é expressa, assim, pelo tipo e tamanho das toras. As toras começam pequenas no início da estação da seca e vão aumentando de tamanho na medida em que se aproximam do inverno indicando o crescimento das plantas. Por exemplo, a corrida da “tora do milho”, *Pôhyôkrow* ou *Pôhyôpi*, é iniciada na estação chuvosa, quando do plantio e o seu tamanho aumenta conforme o crescimento do milho; no ritual *Hot'ti* entre os *Krahô*, descrito por Melatti, a tora no início da estação chuvosa começa grande e vai diminuindo de acordo com o decorrer do tempo, até chegar a um tamanho ínfimo, quando passa a ser denominada *Hodlé*.

“As corridas de toras estão inseridas na estrutura do cotidiano *Krahô*, não passivamente, mas como um mecanismo de temporalização (Munn, 1992:116), como uma prática que ajuda a construir o tempo como um processo simbólico.” (Borges, 2004). Esta afirmação pode ser estendida a todos os *Timbira*.

⁴ ti= grande; ré/lé = pequeno.

⁵ *Meken*. Os *Meken/ Hôxua* são pessoas que devido ao seu nome possuem o papel de reforçar os valores *Timbira* por meio da encenação daquilo que é considerado como não correto.

⁶ *Kýjre* “Descrito como arma de guerra, é também insígnia de excelentes cantadores. O domínio dos cantos do *Kýjre* é prerrogativa apenas desses grandes cantadores e lhes confere prestígio especial.” (Nossas Coisas e Saberes, 2012).

Acompanhe a cantiga pela numeração no DVD:

3. Cantiga *Katanti* entre os *Ramkokamekra*:

Wahinëero, wahinëë rôo
Wa hi nêeroo
Ho wahnê! Hé! Hé He! Wahoohó!
Hó! Hóhóhówa hi, nêërowa hi nêëë.
Hê! Wahohoho! Ro
Wahinëëero, wahinëëë roo.

Estava lá
 Eu estou indo com eles
 Estou aguardando
 Segura eles que estamos alcançando



Krahô. Aldeia Galheiro. Gilberto Azanha. 1981

● CATALOGAÇÃO DE ALGUMAS TORAS PELOS MENTWAJÊ

● TORAS LIGADAS AO CICLO DA VIDA

TORA PÕÖHYH'PRY YOT PIN



Gavião. Põönyh'pry yotpin. Jonas Panré Sansão Gavião - Pesquisador Indígena. 2011

Nome da tora: *Põöhyh'pry yot pin* – tora do milho.

Pesquisadores: Krikati e Gavião

Tipo de madeira: jatobá, macaúba ou sucupira.

Toras: compridas e finas, são pintadas de carvão e de urucum com traços horizontais e traços verticais.

Partidos que disputam a corrida: Partidos *Amcýxý* divididos em oito grupos: Lado oeste: *Pýr Caapri*: *mã* (ema), *xip* (morcego), *cangý* (cobra) e *cõnca* (planta que fica na beira do riacho); Lado leste: *Pýr Cajcyr*: *coh'crý* (arapua, tipo de abelha), *Pytre* (tamanduá mirim), *Kýntré* (periquito) e *crore/xooteh* (guará ou mucura).

As toras, muito compridas, são carregadas sempre por duas pessoas e são revezadas.

“O *Põöhyh'pry* é feito pelos Krikati e Gavião quando uma criança nasce e é batizada. Quando recebe seu nome, o pai e a mãe da criança precisam realizar esta festa até a adolescência” (...) As corridas ajudam fazer que os milhos cresçam bons e graúdos, para darem espiga grande boa pra comer.” (Pesquisadores Krikati e Gavião, 2011)

“A tora *Põöhyh'pry yot pin* é feita no último dia da festa *Põöhyh'pry*. Quando o plantio do milho é finalizado, os homens fazem uma caçada e quando voltam, correm com as toras comuns. Quando estão voltando da caçada, mandam um mensageiro para saber se o milho está bom na roça. Marcam o dia e de manhã cedo e preparam comida (...). A corrida representa o período de roça de plantio de milho, sai o *padré* (diretor ritual) e vai cortar as toras *Põöhyh'pry yot pin* e os partidos chamados de *Amcýxý*, que são divididos em oito subgrupos, vão atrás, vão pegar a tora *Põöhyh'pry yot pin*. Os *Amcýxý* são oito partidos divididos por quatro de cada “lado”. Lado oeste (*Pýr Caapri*, a primeira da foto): *mã* (ema), *xip* (morcego), *cangý* (cobra) e *cõnca* (planta que fica na beira do riacho); Lado leste (*Pýr Cajcyr*): *coh'crý* (arapua, tipo de abelha), *Pytre* (tamanduá mirim), *Kýntré* (periquito) e *crore/Xooteh* (guará ou mucura) vão atrás vão pegar a tora *Põöhyh'pry yot pin*.” (Jonas Panhi Sansão Gavião, CTI, 2011).

Acompanhe a cantiga pela numeração no DVD

4. Cantiga entoada antes da corrida na tora *Põöhyh'pry yot pin*

Wýrý wýtý
Herehe wa ny here
Ny here here he
He cohoro here he, herehe
He he wa ny here
He wa ny here
Ny here he
Here He

O fepe da mandioca é fino
 A teia de aranha é fina demais

TORA YOTYOPIN OU PARDI



Aldeia Galheiro, Krahô Corrida de toras. Gilberto Azanha, 1983

Nome da tora: Yotyopin entre os Krahô e Pardi entre os Ramkokamekra.

Pesquisadores: Krahô

Tipo de madeira: palmeira de buriti.

Toras: toras maiores e mais pesadas, são cavadas apenas na superfície e são adornadas com urucum; chegam a pesar até 150Kg.

Partidos que disputam a corrida: Hyry catējë e Cyhcatējë. As toras são levadas nos ombros e revezadas.

Esta tora é utilizada no final do *amjökin Yotyopin*. Este *amjökin* dura cerca de uma semana e os *meken* é que podem cortar a tora.

Este ritual acontece no início do verão. “Quando a batata está madura e boa de comer a festa começa. Os *Hotxwa* avisam todo mundo para fazer a festa da batata e nesta festa corremos de crow *Yotyopin*.”

É obrigação do *Hotxwa* peceber o andamento da roça e ver se a batata está boa. Daqui pra frente podem juntar que vamos fazer *Pardi* e todo mundo participa. Vamos esperar três dias para juntar o pessoal da aldeia e outros convidados que vêm fazer animação.

Durante a festa fazemos outras corridas de tora, mas a tora do *Pardi* é bem importante e só é usada no final do *amjökin Yotyopin* bem de manhã cedo. Os *Hotxwa* é que podem cortar a tora e se precisa de ajuda para cortar a tora pede para outros *Hotxwa* também. Cada *Hotxwa* recebe alimentação da sua família e leva para onde estão cortando a tora. Na hora de sair, se quiser pode levar o cantador para animar o corte. Um dia antes da corrida, os *Hotxwa* e os homens que vão correr levam a tora para o lugar onde vão correr na noite anterior da corrida. “Homens dos dois partidos verificam o peso das toras para ver se são maneiras ou pesadas e para saber se os partidos vão aguentar correr com elas.” Antes de partir de manhã o *padré* (diretor do ritual) entoia cantos.

Pýr ri ca mẽ
He pýr ri ca mẽ
Pýr ri ca mẽ
Pýr ri pypyn re
Pýr ri pypyn re

A tora caiu, vai empurrando a tora.

Há na ri jahe
Na hi jahe
He ne re hô ryyre

A folha comprida e estreita está aberta.

Na hora da corrida, se a pessoa solteira passar você, que é casado, com a tora, pode pegar sua mulher.” (Trabalho apresentado pelos Krahô aos outros Timbira durante a oficina, 2011)

“Neste ritual é que ocorrem os combinados de casamentos já de criança. Só faz uma vez no ano. A tora é a tora da Batata, a maior tora que tem”. (Alberto Hapyhi Krahô, CTI, 2011)

TORA PÝR



Ramkokamekra. Corrida Pýr. Helena Ladeira, 2011

Nome da Tora: Pýr.

Pesquisadores: Ramkokamekra

Tipo de madeira: jatobá.

Toras: parecidas com um disco e inteiramente pintadas de urucum; podem vir a pesar 130 Kg.

Partidos que disputam a corrida: Hyry catējë ou Cyhcatējë. As toras são levadas nos ombros e revezadas.

Esta tora é realizada para marcar o início de grandes festas. “Quando o verão chega, os velhos vão verificar se a juventude está parada, sem animação, os *Mekapontate* chefes, de cada partido (Hyry catējë e Cyhcatējë) vão conversar entre si e vão avisar os velhos para chamar alguma festa.” (Francisco Tephot Canela. CTI, 2011)

“Os *Hyry catējë* ou *Cyhcatējë* são quem escolhe o cortador (*Ironkukre*) para fazer o *Pýr* e o cantador sempre é certo, já escolhido. O líder do *Pro-kam*, que é o maior conselheiro, normalmente muito velho, chama o cortador *Ironkukre*.” (Abílio Tami. CTI, 2011)

Acompanhe as cantigas pela numeração no DVD

5. Cantiga entoada para chamar os partidos para correr com a tora Pýr

CrýtëJapy! (3x)
Japy te tetë
Te Japy! Japyjejejejeêêê
Japy Te tetë
Te Japy!

Rabo de papagaio mais claro.
 Rabo de papagaio claro abriu
 Rabo!

ApuHaparé (2x)
Haparéhate Hamujina Me aketje

Sobrinho venha mais a frente ouvir os seus tios

Parêjatô na
Apu, ipê hacrã Tum
Wa há na ma ipê hacrãtum
hacrãtum na pajôpará
Py ti ta par rê

Como eu sou velho tio
 Venha me ouvir
 Do jeito que é a tora pesada

Chamada:
Ipûpar to acuto, mo
Hapyhapyýýý
Haahaparéhaparécaamjé
Na ipê akêt par nãhapare re ha ppy.

Boa tarde, boa tarde meu sobrinho
 Você me ouviu, como eu sou seu tio te chamo pra que venha logo.

“O animador chama o cortador do *Pÿr* e ele vai para o pátio, e quando ele chegar vai ficar de pé e não vai falar nada. Quem vai perguntar é um dos líderes *Mekapontate*, que pergunta como ele se sente com a decisão de chamarem ele para cortar, se dá para ele cortar, se sente bem para realizar o corte. Depois de cortar a tora de jatobá o cortador conta como foi o corte, se levou picada, se ficou alegre, o que aconteceu. Quando está cortando a tora do *Pÿr* pode cantar a música de algum partido para animar. A tora do *Pÿr* é pintada de urucum por duas rainhas. As toras masculinas pesam em torno de 120, 130 Kg. As mulheres às vezes correm de *Pÿr*, quando esta é mais leve, pois as toras pesadas só os homens conseguem carregar.” (Pesquisadores Ramkokamekra. CTI, 2011).

Acompanhe as cantigas pela numeração no DVD

6. Cantigas entoadas antes da corrida na tora *Pÿr*

Hê hênêê hê, wajee hêê
Hê hênêê ! Wawá jũjũ rêê hê
Hê hênêê hê, wajee hêê

Olha Olha, no vão dessa pedra
 Essa pedra, eu que estou tirando empurrando
 Olha no vão dessa pedra
 Olha Olha no vão dessa pedra.

Hê hê comĩ hĩ wajee wajee!
Comĩĩ nĩ wawa jũjũ rêê hê
Hêhê comĩ hĩ wajee.

Olha, cuidado com isso
 E abre a perna
 Cuidado que eu estou tirando essa
 Olha cuidado com isso e abre a perna

Pyrija! Maj hê jóó hó maj jóó
Pyrija picapõn nĩ mãj jóó
Maj jóó
Pyrija ma He jóó hó mãj jóó

A fruta do Cajá
 Que é redondinha
 Os galhos do pé de Cajá
 Foi rachado e seus frutos
 São redondinhos
 A fruta do Cajá que é redondinha



Ramkokamekra. Diário Canela - Pesquisador Indígena. 2011

Hũhõrõô! Ma jÿcÿ, jÿcÿÿ
Hũhõrõô! Ma jÿcÿ, jÿcÿÿ
Hũhõrõô! Ma jÿcÿ, jÿcÿÿ

O Pé de árvore de Sucupira
 Está torto
 O pé de árvore de Sucupira
 Está torto
 O pé de árvore de Sucupira
 Está torto

Pĩhĩhĩjõcõô! Pĩhĩhĩjõcõô!
Mãnã quê He Rowajo
Pĩhĩhĩjõcõô! Pĩhĩhĩjõcõô!

O pé de árvore torto
 O pé de árvore torto
 Mais uma vez
 Ele está empurrando
 Com flecha

Hihyawÿ, hyjawÿÿ.
Mã jõõhõ jinĩĩ ree ri,
Hihyawÿ hyjawÿÿ.

Batendo as asas
 Batendo as asas urubu rei
 Urubu rei
 Batendo as asas
 Batendo as asas

Haràre vumã tẽ , wa jÿr rÿrÿ cõô hõcõ,
Hõ waa xa nêê waa xa
Haràre cumã tẽ, waràre cuma tẽ wa
Jÿr rÿ cõô hõcõ wa xa ne waxa ne.

Veado que está correndo
 Para ele
 Estou esperando aqui em pé
 Na beira do brejo
 Veado q ue está correndo
 Para ele
 Estou esperando aqui em pé
 Na beira do brejo

Pàrija rĩĩ rĩĩja rĩĩihĩ,
Hahõrõrõ cõô, hahõrõrõ cõô
Pàrija rĩĩ rĩĩja rĩĩihĩ,

Arribam as tora
Arribam
Vamos rápido
Vamos rápido
Arribam as toras
Arribam as toras
Arribam as toras

*Hipépeú nêê, hipepeu nê jaha,
Hũhôrô mã jaje ma hĩ pó jôre
Hêmê cape hũjajy.*

Rapidinho
Rapidinho
Vamos avexado
Vamos em volta do morrinho.

“Quando termina de cantar, os grupos começam a se juntar para arribar a tora e correr até o pátio... Enquanto correm, o animador (*Hãrpôrcaté*) vai incentivando a todos a correrem bem. A corrida é lá de fora da aldeia até o pátio. Quando chega no meio do caminho, o grupo que está na frente vai jogar a tora e esperar o segundo grupo, que joga a tora no chão também para fazer a troca das toras com uma pequena cantoria, daí arribam novamente e seguem correndo para a aldeia... Quando elas chegam no pátio são colocadas uma ao lado da outra e as crianças são batizadas, de costas para elas. Não são só as crianças, se alguém quiser batizar também pode receber nome, e o cantador pode dar um nome no meio do pátio.” (Abílio Tamí Canela e Pesquisadores Ramkokamekra. 2010 e 2011).



Krahô, Aldeia Rio Vermelho, Tora Pronji. Daniela Leme da Fonseca. 2010

TORAS DE LUTO

As toras de luto marcam o fim do resguardo da família do indivíduo morto. Depois deste ritual os parentes enlutados podem voltar às atividades cotidianas da aldeia. As corridas com as toras de luto influenciam no caminho do próprio morto que está livre para ir para a aldeia dos mortos. Este é um ritual presente em todas as aldeias Timbira e nas pesquisas, os seguintes casos foram apresentados:

PARCAHÀC



Krahô, Aldeia Nova. Toras Parcahàc. Márcia Caxôb Krahô - Pesquisadora Indígena. 2010

Nome da tora: Parcahàc.

Pesquisadores: Krahô

Tipo de madeira: palmeira de buriti.

Adornos e pinturas das toras: urucum, pau de leite e penas e tecidos para envolver as toras. São duas toras com desenhos na horizontal e duas toras na vertical, intercalando penas e urucum.

Partidos que disputam a corrida: Wakmeye e Katamye, mulheres e homens.

“A tora *Parcahàc* é feita no dia da terminação do *amjôkin*, e é sempre feita de buriti. Os homens e as mulheres correm com as toras *Parcahàc* e quem as corta são apenas duas pessoas e a comunidade acompanha. No mato só um cantador específico faz a cantoria junto aos cortadores da tora.

Para chamar os grupos de corrida, o chamado é feito na casa de um *Wyty*. Os partidos vão rumo à tora. A tora é levada até o local de onde será iniciada a corrida. Uma ou mais mulheres cobrem as toras com *cupenxê* (tecido) colocando por baixo e por cima delas e elas têm o direito de ficar com o pano depois de a corrida acontecer. Depois de enfeitar, o cantador canta e os partidos saem correndo para chegar à aldeia.” (Pesquisadores Krahô, CTI, 2011)

Antes de os partidos saírem com as toras, são entoadas uma sequência de cantigas pelo cantador em cima delas com um *Xy* amarrado em seu tornozelo e por fim entoada-se a seguinte cantiga:

Acompanhe a cantiga pela numeração no DVD

7. Cantiga entoada antes da corrida na tora Parcahàc

8. Cantiga entoada antes da corrida na tora Parcahàc (versão 2)

*Pó te hiré cuhkôn nôré cukwryrê
Pó te hiré, pó te hiré cuhkôn nôré cukwryrê
Mã te hiré mã te hiré cuhkôn nôré cukwryrê.
Mã te hiré mã te hiré cuhkôn nôré cukwryrê mã te hiré.*

A canela do veado é fina.
A canela da ema é fina.

Logo após a cantiga, as metades cerimoniais femininas e masculinas começam a correr levando as toras até o pátio da aldeia. Quando chegam ao pátio, as primeiras toras femininas e masculinas são cobertas novamente com *cupenxê* e levadas para a casa dos parentes do morto. Lá as toras serão batizadas e enfeitadas e são doados presentes (tecidos, camisas, facão, machado, miçanga, panela, espingardas) pelos parentes do morto (irmão, filho, sobrinho). Esses parentes, junto com as mulheres, farão em volta da tora o choro ritual.



Krahô, Aldeia Cachoeira. Choro Na Tora Antes Da Partida. Júlia Trujillo Miras. 2010



Krahô, Aldeia Cachoeira. Início da Emplumação. Júlia Trujillo Miras. 2010

PARGAPÊ



Apinajé. Toras Pãrgapê. Odair Giralдин. s/d

Nome da tora: Pãrgapê.

Pesquisadores: Apinajé

Tipo de madeira: palmeira de buriti ou pé de coco.

Tora: cavadas até a metade de ambos os lados, pintadas de urucum, pau de leite e raspas de pati (guariroba) com desenhos na horizontal e na vertical intercalando as raspas de pati e o urucum.

Partidos que disputam a corrida: *Katam* e *Vajme*, mulheres e homens.

“Quando alguém da família morre, você está com um sentimento, aí o tio do filho, ou da pessoa, fala: vou fazer uma tora para o seu filho e começamos a fazer a festa, no último dia vamos correr com ela e depois de ir para a casa dos parentes que choram em cima dela, e daí termina aquele sentimento.” (Dorival Apinajé, CTI, 2011)

“O *Pãrgapê* acontece no tempo do verão; é uma tora que homenageia os mortos. Tem cantos para as toras. Sai de manhã cedo, corre no sol quente (...) “O *pahi* chama todo mundo pra juntar e para fazer *amjökín* da tora grande. De comida fazemos *berubu*, batata, inhame, carne de veado ou tatu. A festa dura cerca de quinze, vinte ou trinta dias e quase todos os dias corremos com

toras. Corremos de tora do buriti e pé de coco do brejo. Uma pessoa *Kajgâr* (metade cerimonial - *Katam*) e uma pessoa do partido do *Vajme* vai cortar as toras todos os dias. No primeiro dia vai o cantador junto. Todos os dias é cavado na beirada, mas pouco, para conseguir pegar. No último dia é que a corrida com a tora *Pãrgapê* acontece, momento de finalização da festa. Neste dia acontece uma cantoria do pátio, os partidos *Katam* e *Vajme* vão ser pintados pelas mulheres na casa da pana. Neste *amjökín* o cortador chama todo mundo que vai correr vai ajudar a cortar e cantam.” (Pesquisadores Apinajé. CTI, 2011)

Acompanhe a cantiga pela numeração no DVD

9. Cantiga entoada antes da corrida na tora Pargapê

Cantiga entoada por José Alexandre Cabelo Apinajé

Mo the hire kôkônore

Kukwryre.....

Xô the hire kôkônore

Kukwryre.....

Ma the hire kôkônore

Kukwryre...

10. Cantiga do primeiro e último dia do ritual para ir para o rumo da tora da tora *Pargapê*

Canela de veado cabacinha andando (2x)

Canela de raposa cabacinha andando (2x)

Canela de ema cabacinha andando (2x)

“Só os velhos cavam as toras, porque se os novos que namoram pegarem, elas murcham. Alguns homens dos dois partidos saem da aldeia para preparar a tora. Dois cortadores escolhem o buriti ou barriguda e cortam as toras, e dois homens, um de cada partido, cava as toras e as mulheres preparam a tinta da tora com pau de leite, com cabaça queimada e urucum e aí vão pintar. Uma tora vai se chamar *Kolti* (tora do verão) e a outra *Kohre* (tora do inverno) e as pinturas representam cada uma delas.” (Pesquisadores Apinajé. CTI, 2011)

PARPEX E PARPEY



Gavião. Toras Parpex. Jonas Panré Sansão Gavião - Pesquisador Indígena. s/d

Nome da Tora: Parpex e Parpej.

Pesquisadores: Gavião e Krikati

Tipo de madeira: palmeira de buriti e barriguda.

Toras: São cavadas até a metade e adornadas com urucum e pau de leite; são toras com desenhos na horizontal e toras na vertical ou com pontilhados.

Partidos que disputam a corrida: *Hyry catējē* e *Cyhcatējē*, mulheres e homens.

“A primeira tora *Megaicor*, pintadas com listras verticais, quem corre é o *Hyry catējē*; e a segunda é *Megapi*, listrada na horizontal e quem corre é partido *Cyhcatējē*. A tora *Parpex* é preparada um mês antes da corrida com a madeira da barriguda ainda verde e aguada (ela é deixada por um período na água). Após a preparação, as toras são deixadas na sombra cobertas por uma palha. As toras têm cerca de um metro e são pesadas, no último dia do *amjökín* são levadas até um lugar, escolhido pelo dono da festa, parentes do falecido. As toras são pintadas por algum membro Gavião, homem que passou como “gavião” pela *Wyty* ou pelos homens do parente do morto. Para adornar a tora é utilizado o urucum, as mulheres forram o chão com palha de piaçava e com pano e colocam as toras em cima e o canto é entoado.

Acompanhe a cantiga pela numeração no DVD

11. Cantiga entoada antes da corrida na tora Parpex e Parpey

As toras são levantadas inicialmente por pessoas que possuem relações consanguíneas com o morto. Antes do início da corrida as toras são arribadas pelas pessoas do partido oposto ao que ela representa, o partido *Cyhcatējē* arriba a tora *Megaicor* e o outro partido faz o mesmo, até que uma pessoa faça a troca e pegue a tora certa, a tora de seu partido e assim a corrida é iniciada.

Ambos os partidos correm e levam a tora até o pátio, local onde é feito o choro ritual e a terminação do *amjökín*. Os nossos bisavós não fazem a tora da barriguda à toa. Nós, povo Gavião, fazemos quando morre uma pessoa de uma família, e o partido *Hyry catējē* ou *Cyhcatējē*, de quem pertence a pessoa que faleceu, vai pedir aos familiares para fazer o *amjökín*. Se a família aceitar, começa a cantoria lá mesmo para dar início à brincadeira. A partir daí a brincadeira começa a ter vida. Marcam o período em que vai começar e terminar, se é um mês ou três meses. A partir daí os familiares começam a se organizar, providenciar a alimentação, arroz, carne. E depois tem a corrida com as toras, mas não tem data certa.” (Pesquisadores Gavião e Krikati. CTI, 2011)

O *amjökín* pode ser feito por homens ou por mulheres, depende da pessoa que faleceu. Se for homem, apenas os homens vão à casa; se for mulher, são elas quem pedem para fazer o *amjökín*.

A família da pessoa que morreu vai para o mato onde houver um pé de barriguda e dorme lá mesmo para poder derrubá-lo. Na derrubação da tora toda a população da aldeia e outros convidados vão para a floresta com cânticos que emocionam, deixando saudade para todos que estão presentes - família ou amigos. A tora é pintada de urucum e jenipapo, na horizontal e na vertical. (Jonas Sansão Gavião. CTI, 2011)



Gavião. Toras Parpex. Jonas Panré Sansão Gavião- Pesquisador Indígena. s/d

TORAS LIGADAS À INICIAÇÃO

TORA PARTERE



Apãnjekra. Ritual Ikréré, toras partere. Daniela Leme da Fonseca. 2009

Nome da tora: Partere entre os Apãnjekra e Parere entre os Ramkokamekra.

Pesquisadores: Apãnjekrá e Ramkokamekra

Tipo de madeira: palmeira de sucupira.

Toras: minúsculas, possuem manetas, são inteiramente pintadas de urucum e pesam cerca 500 g.

Partidos que disputam a corrida: *Cupê* (não Timbira), *Ket-le* e *Awxet* (Peba) contra *Haka* (Jibóia), *Tere* e *Txon* (morcego). Estas são toras são feitas em uma corrida específica nos rituais *Ikréré* e *Keetwajê*. As toras são levadas nas mãos e são revezadas.

“São as festas de prisão: os meninos e meninas ficam presos para aprenderem a correr bem, cantar bem, saber dar conselhos, cuidar da aldeia, aprender a ‘lei do *mehin*’.” (Paulo Thugran Canela, 2011)

Versão Apãnjekra

“As toras *Partere* são feitas no final dos *amjökin Ikréré* e *Keetwajê* quando os meninos ou meninas que estavam presos saem da prisão e voltam preparados para ficar soltos na aldeia e seguir as regras do *mehin*. Estas toras são sempre cortadas por um velho cantador *waiaká-pronti* (curandeiro) da metade cerimonial oposta a dos meninos que estão presos; se o partido *Hyry’catêjê* está preso o cortador será do partido *Cy’hcatêjê*. Logo depois que o velho cantador ou *waiaká-pronti* prepara as toras, elas são entregues a *Igoitxi*, ‘mãe da rainha da prisão’. Eles começam a correr fora do *krîi*, e a *Ksidje* (responsável pela prisão) pinta as toras com urucum e depois as esconde enroladas em um *pincã* (produto da entrecasca da árvore) para que os membros que não estão presos dos partidos *Txon* e *Cupê* possam encontrá-las e correr com elas até o pátio.” (Pesquisadores *Apãnjekra*, 2011)

Versão Ramkokamekra

As toras *Partere* são cortadas pelo velho cantador da metade cerimonial oposta à dos meninos que estão presos. Logo depois que o velho cantador ou *Waiaká-Pronti* confecciona as toras, elas são entregues a *Igoitxi* (mãe da rainha da prisão) eles começam fora do *krîi* até encontrarem as duas *megupry*. Ao encontrarem com elas, que estão nuas, eles param de correr. Neste momento, *manksidje* (primeira pessoa) pinta as toras com urucum e depois as esconde enroladas no *pincó* para que os membros que não estão presos dos partidos *Txon* e *Cöpe* possam encontrá-las e correr com elas até o pátio.

Menkãkama é o grupo de classes que representa todas as metades *Cupê*, *Kêtre*, *Awxêe* (também conhecida como *mekãchã*), *Haka*, *Têre* e *Txon*. Os três primeiros (*Cupê*, *Kêtre* e *Awxêe*) correm juntos contra os outros três (*Haka*, *Têre* e *Txon*).” (Versão revisada pelos Pesquisadores *Ramkokamekra*, 2011).

TORA HICUXÀ CATI



Apãnjekra Canela. Hicuxá, toras das mulheres. Olimpio Canela- Pesquisador Indígena. 2009

Nome do tora: *Hicuxá cati Ikréré*

Pesquisadores: Apãnjekra

Tipo de madeira: palmeira de buriti.

Toras: pesada e sem adorno.

Partidos que disputam a corrida: *Poncatejê* e *Ikrerecatejê*.

“Esta tora *Hicuxá* é cortada no final do *amjökin* do *Ikréré*, que dura quase dez dias. Ele é feito quando as meninas já foram soltas da prisão, no tempo que voltam para a aldeia depois de ficarem afastadas sem tomar sol, comendo e aprendendo a fazer as coisas do jeito certo. Quando está no fim do *Ikréré* algum homem mais velho do partido *Poncatejê*, das pessoas que estão fora da prisão, vai sair e cortar a tora perto do brejo. Ele pode levar o seu *Iknonon* (amigo) para ajudar no corte. O *Iknonon* canta na hora de cortar as duas toras de buriti para que o corte seja bom e alegre:

Acompanhe a cantiga pela numeração no DVD

12. Cantiga entoada para alegrar o corte da tora Hicuxá cati

He hijacupa têrê go warê hã xa ha
Mã wrý wrýcý rê xamũ xã hý kamã

O pé da folha larga está na beira da chapada

Depois de cortar e ver se o peso da tora está certo, o velho e seu *ikonon* deixam-na onde está, no mato, lá perto do brejo. De manhã o *padré* vai perguntar se o corte da tora foi bom, se viu alguma coisa durante o processo, depois os *Poncatejê* vão ficar onde está a tora, de onde partirá a corrida. Primeiro o partido do *Poncatejê* vai no lugar onde estão as toras e depois o mais velho deles chama os *Ikrerecateje* (reclusos) que estavam presos para saírem para correr. Todos os participantes da corrida cantam e colocam os braços para cima em frente da tora antes de arribá-la do chão.

Acompanhe a cantiga pela numeração no DVD

13. Cantiga entoada antes da corrida na tora Hicuxá cati

Hêryryre, hê ry ry ry ry hé
Wapê cahyre hê hyrere
He rryryre
Hým, hým, hým, hým, hým

O mudubin está de pé compridinho, compridinho.
A distância da corrida é de uma légua até chegar no pátio.

Depois de cantar, cada partido (pessoas da aldeia x reclusos) pega a sua tora e corre desde perto do brejo, onde as toras foram colocadas até chegarem à aldeia. Quando chegam lá, os partidos derrubam as toras no *cýy*, no centro do pátio; o que chegar primeiro ganha a corrida.” (Grupo de pesquisadores *Apãnjekra*, 2011)



Apãnjekra, Aldeia Porquinhos. Corrida com a tora Hicuxá Cati (itálico). Olímpio Canela. 2010

TORAS HEK E KROKROK



Foto 1: Krahô. Aldeia Rio Vermelho. Tora Pronji. Daniela Leme da Fonseca. 2010

Nome do tora: As toras possuem nomes de acordo com o formato, peso e tamanho. Foto 1: *Pinkrerer ocada* ou *Pinkretecrow* - ocada e cumprida. Foto 2: Toras *Crowkriré*, muito pequenas. Foto 3: Toras *Crowti*, grandes Foto 4: Toras *Crowti*, grandes - tora das mulheres.

Pesquisadores: Krahô

Tipo de madeira: palmeira de buriti.

Toras: nenhuma das toras possui adornos ou pinturas.

Partidos que disputam a corrida: *Hek* (Gavião) e *Krokrok* (Papa-Mel).

“Este é um *amjôkin* do *Hek* e do *Krokrok* de que toda a comunidade participa. Acontece no tempo do verão, pode ser feito quando quer e quem decide é o conselho da aldeia lá no pátio.” (Waldomiro Krahô. CTI, 2011)

O nome Pronji, não é vinculado ao nome da tora do ritual. Após a decisão do conselho, a aldeia inteira se divide entre dois partidos: os *Hek* (Gavião) e os *Krokrok* (Papa-Mel). Estas metades cerimoniais atuam em muitas atividades durante o ritual, inclusive nas disputas das corridas de toras.

A escolha da metade ritual é livre para os homens; as mulheres devem seguir o marido, e quando não são casadas podem seguir o partido do pai ou de uma pessoa que está namorando, demonstrando assim a disponibilidade em se casar com o jovem pertencente aquele partido.

A casa que representa os *Hek* fica a oeste da aldeia e a dos *Krokrok* a leste, são um ponto de encontro para abrigo em diversos momentos do ritual, lugar de cantos e reuniões, e também o local onde as toras vinculadas a este *amjôkin* são derrubadas em frente às casas do partido vencedor.

Este *amjôkin* dura cerca de 10 dias e os membros dos partidos *Hek* e *Krokrok* correm com toras todos os dias de manhã e à tarde. O cortador vai escolher uma árvore para cortar e este deve ser uma pessoa que sabe fazer a tora e deve ser sempre um membro do partido do *Krokrok*, pois os *Hek* não podem cortar toras. Se o cortador quiser, ele pode cantar no momento do corte, mas a música é de livre escolha. As mulheres também correm com toras. As equipes são chamadas no meio da tarde para comparecer à casa da *Wyty* pelo *padré* para correr de tora quando entoa os cantos de cada um dos partidos. Existe o canto do *Hek* e canto *Krokrok*:

Acompanhe as cantigas pela numeração no DVD

14 e 15. Cantigas entoadas pelos partidos cerimoniais *Krokrok* e *Hek* para sair e buscar as toras

Krokrok:

Iho horynõ hõ mã hawaryré hõ ryno.

Esta palha do inajá que está aqui

Hek:

Nikakarã rãrãrẽ inxy pê cóphore xý te nikakanrẽ rãrãrẽ

Esta aqui é a abelha cóphore.



Foto 2: Krahô. Aldeia Rio Vermelho. Eduardo Crut Krahô, Pesquisador Indígena. 2010



Foto 3: Krahô. Aldeia Rio Vermelho. Cortando tora Projí. Eduardo Crut Krahô Pesquisador Indígena. 2010

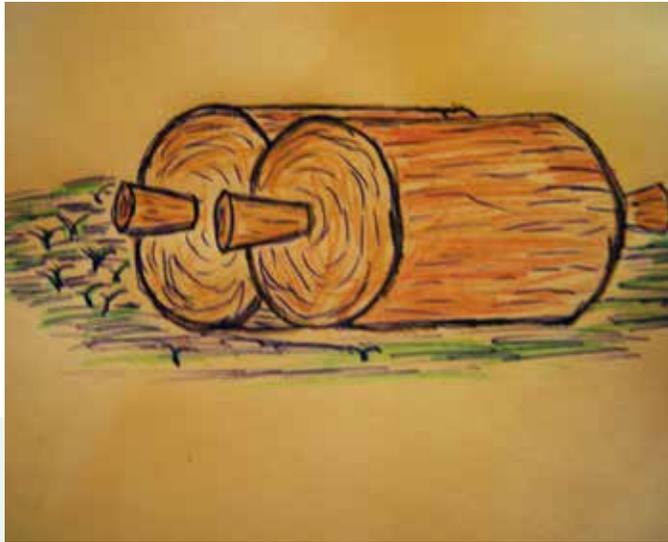


Foto 4: Krahô. Aldeia Rio Vermelho. Crowré, tora Pronji. Helena Ladeira. 2010

Depois da cantoria, saem em direção à tora que já está pronta. Após a corrida dos homens, as mulheres entram na aldeia e correm da mesma maneira. Quando terminada esta corrida é iniciada outra com uma tora usada anteriormente. Normalmente correm com toras leves e depois com toras pesadas. Pela manhã, os homens também correm divididos em *Hek* e *Krokrok*, mas nestas corridas usam sempre as toras velhas.

● TORA LIGADA AO CICLO ANUAL

PARTE-RE



Apãnjekra. Desenho Parte-re. Benedito Hoiaká Canela - Pesquisador Indígena. 2011

Nome da Tora: *Parte-re*.

Pesquisadores: Krahô

Tipo de madeira: sucupira ou murici.

Toras: inteiramente pintadas de urucum; podem vir a pesar 130 Kg; possuem maneta.

Partidos que disputam a corrida: *Hry Catějě* (de baixo) ou *Cyjcatějě* (de cima).

A festa Parte-re, nascimento do capim, *Ahtu-jiraré Kryjre-japy*, acontece em abril.

“A festa Parte-re, acontece em abril. Só as pessoas de nome *Hôiaká*, *Harhi*, *Hàhhat* e *Cahyxa* é que podem cortar as toras, o ipantu vai aprender junto ao seu Kéti a cortar tora 15 dias antes da corrida. (...) Quem foi que cortou é chamado no pátio pra contar como cortou, se sentiu, se estava alegre, contente. Todos têm que falar para todos da comunidade como sentiram. (...)”

Após uma corrida de toras, que é de qualquer tipo, os *Hry Catějě* e *Cyjcatějě* se dividem e vão para suas respectivas *Wyty*. Só no dia seguinte, que é o dia da corrida, o cantador vai colocar o *xý* no joelho e no pátio vai fazer a chamada da toras *Parte-re* voltado para onde elas estão cortadas.” (Pesquisadores Krahô. CTI, 2011)



Aldeia Galheiro. Krahô. Corrida de toras. Gilberto Azanha. 1983



Aldeia Galheiro. Krahô. Corrida de toras. Gilberto Azanha. 1983



Penxwyj Hepenxjã. Parte do grupo de pesquisa de 2010. Augusto Nascimento. 2010.



Penxwyj Hepenxjã. Parte do grupo de pesquisa. Augusto Nascimento. 2006.



Aldeia Rio Vermelho. Krahô. Pesquisadores Indígenas em ação. Helena Ladeira. 2010.



Penxwyj Hepenxjã. Parte do grupo de pesquisa de 2010. Pesquisadores Apinajé. 2010.

● A CORRIDA DE TORA: ATO EM DEFESA DO CERRADO

Nas aldeias Timbira do Maranhão e Tocantins, os jovens Krahô, Apinajé, Krikati, Gavião Pykobjê, Apâniekra, Ramkokamekra ouvem relatos de antigas disputas entre as metades cerimoniais durante as corridas de toras, escutam os feitos de bons corredores e quais resguardos devem cumprir para ganharem força e velocidade. E, quase na totalidade de suas 50 aldeias, os jovens Timbira jogam futebol e correm com tora. Pintados e enfeitados sobem nos tratores, caminhões, nos veículos disponíveis nas aldeias para chegar na mata ou no ponto de largada da corrida. Usam as estradas como caminhos para o percurso das corridas. Frente ao discurso do senso comum “de que estão perdendo a cultura”, e comparando o modo antigo e o modo atual de ser Timbira, passam a refletir sobre as modificações e perceber que as mudanças fazem parte do processo de manutenção e invenção da cultura, e que, para mantê-la, precisam apenas continuar o movimento do *Krĩ* (aldeia). Começam a compreender que tal discurso não implica necessariamente a perda, mas sim transformações que podem e vêm sendo apropriadas pelos Timbira em seu modo atual de viver. Diante do longo processo, de mais de 200 anos, de contato com a sociedade nacional e com a massiva introdução nestes últimos anos de novos hábitos devido ao acesso a novas tecnologias, os Timbira percebem que o futuro, o “rumo” como dizem, deve ser dado pela conquista de novos espaços políticos por meio da manifestação pública do seu patrimônio imaterial. Passam a incorporar as tecnologias dos *cöpe* – da palavra escrita a filmadoras e gravadores – para reforçar a transmissão deste patrimônio, para dar novas cores e mensagens à referências culturais, o que garante que continuem no rumo do *mehin*.

Os Timbira percebem as graves modificações em seu ambiente nativo, o Cerrado, observam as alterações no número de espécies de animais, vegetais e peixes. Os locais em que andavam, desde tempos imemoriais – o famoso “Paiz Timbira” de Nimuendajú – vão dando lugar aos pastos, às monoculturas de soja, eucalipto, arroz, cana-de-açúcar, à construção de hidrelétricas, estradas e núcleos urbanos. O fluxo de água de seus rios e córregos mudaram, muitos estão contaminados, o regime das estações da chuva e verão, que orienta a vida cerimonial, vem se alterando, as queimadas se acentuam no entorno de seus territórios. Todos estes impactos ambientais são sentidos no cotidiano das aldeias Timbira e afetam a sua “reprodução física e cultural” como garantida na Constituição brasileira.

Os Timbira falam “somos aqui do Cerrado mesmo”; Cerrado cuja fisionomia expressa a sua ocupação imemorial. Correr com toras é ser Timbira, é viver no Cerrado. A corrida de tora aparece então como grande ícone que os Timbira utilizam para dizer ao “outro” quem são, estabelecer fronteiras e afirmar sua identidade étnica, fazendo frente às pressões hegemônicas.

A ameaça ao Cerrado e, portanto, a condição de sustentabilidade das terras Timbira e de outros povos com os quais compartilham este bioma, deu origem a MOPIC – Mobilização dos Povos Indígenas do Cerrado, da qual a Associação dos Povos Timbira *Wyty Catê* faz parte. O movimento vem utilizando a Corrida de Toras como um ato político, visando chamar a atenção para a necessidade de formulação de políticas públicas voltadas à proteção do Cerrado.



Corrida De Toras Em Brasília. Demian Nery. 2006



Corrida de Toras Av. 23 de maio. São Paulo, 2006. Foto: Frederico Guerini

Em setembro de 2004, os Krahô e os Xavante, usaram a corrida de toras em São Paulo na semana do meio ambiente como gesto político para denunciar a destruição do Cerrado pelo agronegócio. E escolheram a avenida Paulista, centro emblemático empresarial e financeiro, para lançar o “Grito do Cerrado”. No ano seguinte, os Krahô e Xavante escolheram a Avenida 23 de Maio, também em São Paulo e entregaram as toras na Assembléia Legislativa. Em 2007 foi a vez de Brasília, com a corrida realizada na Esplanada dos Ministérios e as toras entregues no Congresso Nacional. Em 2009 foi em Campo Grande, capital do Mato Grosso do Sul, um dos estados que mais destruíram os cerrados nos últimos dez anos. E desde então, sempre no mês de setembro vem ocorrendo essa manifestação, com os Krahô (e outros representantes dos povos *Timbira*) e Xavante disputando as corridas. A escolha das cidades é uma decisão política e nos últimos anos a corrida de toras vem se realizando na Esplanada dos Ministérios em Brasília, abrindo ou finalizando o “Grito do Cerrado” – manifestação política da Rede Cerrado, a qual reúne as organizações dos povos que vivem do Cer-



Corrida de Toras. Ato em defesa do Cerrado. 13 set. 2012. Foto: Maria Emilia Coelho.

rado e entidades ambientalistas com foco na defesa desse bioma.



Folheto do Ato em Defesa do Cerrado: Doação de Toras para a Aseembléia Legislativa. 22 de Novembro de 2010

BIBLIOGRAFIA

BORGES, Júlio César. O Retorno da Velha Senhora ou a Categoria Tempo entre os Krahô. 2004. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Faculdade de Antropologia, Universidade de Brasília.

MELATTI, Julio Cezar. Corrida de toras. Revista de Atualidade Indígena, Brasília: FUNAI, ano I, n. 1, p. 38-45, 1976.

_____. Ritos de uma Tribo Timbira. São Paulo: Ática, 1978.

NIMUENDAJÚ, Curt. A corrida de toras entre os Timbira. Mana, v. 7, n. 2, p. 151-194, 2001.

_____. A troca de nomes e a troca de cônjuges : uma contribuição ao estudo do parentesco Timbira. São Paulo, 1982. Dissertação (Mestrado). Universidade de São Paulo.

LORENZI, Harri. Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas do Brasil .v. 1 e 2. 4. ed. Nova Odesa/SP: Instituto Plantarum, 2002.

LADEIRA, Maria Elisa. Uma aldeia Timbira. In: NOVAES, Sylvia Caiuby (Org.). Habitações Indígenas. São Paulo: Nobel; Edusp, 1983. p. 13-31.

SETTI, Kilza. Os sons do Përekahëk no Rio Vermelho – um ensaio etnográfico dos fatos musicais Krahô. São Paulo, 1995.

Bibliografia CTI

CTI. 1999. Estudando os Cerrados. Org. Maria Elisa Ladeira.

CTI. 2006. Estudos de Complementação dos Impactos Socioambientais da UHE Estreito nas Terras Indígenas Kraôlandia, Apinajé, Krikati e Governador: Estudos Etno-Ecológicos. Maria Elisa Ladeira.

CTI. 2006. Nossos Frutos. Org. Maria Elisa Ladeira.

CTI.2006. CD Amjêkin: Música dos Povos Timbira. Gilberto Azanha

CTI. 2011. Sistematização das pesquisas sobre as corridas de toras realizadas pelos Mentwajê nas aldeias Serrinha e São José do povo Apinajé, Cachoeira, Aldeia Nova e Rio Vermelho do povo Krahô, Governador e Rubiácea do povo Gavião, Porquinhos do povo Apãnjekra Canela, Escalvado do povo Ramkokamekra Canela e durante as oficinas realizadas no Centro Timbira de Ensino e Pesquisa Pënxwyj Hepenxjá no período de 2010 e 2011. Daniela Leme da Fonseca.

CTI. 2012. Nossas coisas e saberes Timbira. Org. Maria Elisa Ladeira.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Nossas corridas de Tora : cultura viva Timbira /
[coordenação e edição Maria Elisa Ladeira ;
organização e edição Daniela Leme da Fonseca]. --
São Paulo : Centro de Trabalho Indigenista,
2013

Vários colaboradores.

Bibliografia.

ISBN 978-85-60028-04-7

1. Corridas de toras 2. Índios Timbira - Brasil
3. Índios Timbira - Cultura 4. Índios Timbira -
Ritos e cerimônias 5. Índios Timbira - Usos e
costumes I. Ladeira, Maria Elisa. II. Fonseca,
Daniela Leme da.

13-04759

CDD-306.08

Índices para catálogo sistemático:

1. Brasil : Povos indígenas : Cultura Timbira

306.08

2. Cultura indígena brasileira

306.08



Krahô. Aldeia Galheiro
Gilberto Azanha, 1981



Patrocínio



Ministério da
Cultura

